

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

BOLETIM

# Juventudes

*2º trimestre de 2024*



Agosto de 2024

Instituto Jones  
dos Santos Neves



GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria de Economia  
e Planejamento



**GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

José Renato Casagrande

**VICE-GOVERNADORIA**

Ricardo Ferraço

**SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP**

Álvaro Rogério Duboc Fajardo

**INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN**

Diretor Geral

Pablo Silva Lira

Diretoria de Estudos e Pesquisas

Pablo Medeiros Jabor

Diretoria de Integração e Projetos Especiais

Antônio Ricardo F. da Rocha

Diretoria de Gestão Administrativa

Katia Cesconeto de Paula

Coordenação de Estudos Sociais

Marlon Neves Bertolani

Equipe Técnica

Karlla Cristina Gaiba Rebuli

Sandra Mara Pereira

Beatriz Coelho Lima

Coordenação de Estatística

Letícia Maria Gonçalves Furtado

## Sumário

1. Introdução .....	4
2. Dados populacionais: Juventudes no Brasil, Espírito Santo e Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV, por faixa etária, sexo e raça/cor .....	7
3. Pobreza e Extrema Pobreza.....	14
4. Educação.....	20
5. Juventudes, Mercado de trabalho e Violência .....	27
6. Juventudes e a importância do fortalecimento de vínculos .....	34
7. As juventudes femininas e o homicídio de mulheres.....	39
8. As Juventudes Quilombolas e Indígenas .....	44
9. Considerações.....	49
Referências .....	51

## 1. Introdução

Segundo o Estatuto da Juventude, instituído pela Lei Federal nº 12.852 de 2013, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos<sup>1</sup> (artigo 1º, parágrafo 1). Essa faixa etária é subdividida entre os jovens-adolescentes (15 a 17 anos), os jovens-jovens (18 a 24 anos) e os jovens-adultos (25 a 29 anos). Além disso, para aqueles que estão entre os 15 e 18 anos, aplica-se também o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECRAD, instituído pela Lei Federal nº 8.069 de 1990. Porém, esse segmento se define muito mais por suas práticas, vivências, experimentações e formas de atuação, do que por conceituações estáveis e fixas (DIÓGENES, 2009, p. 274). Portanto, falar em juventude é pensar a partir de suas práticas, olhar para suas esferas de sociabilidade. É também focar esses segmentos a partir dos marcadores sociais de classe, gênero, etnia, raça, orientação sexual, vinculação com a arte e a cultura, entre outros.

Face à pluralidade que marca esta faixa etária, torna-se mais adequado utilizar o termo no plural – juventudes – para ressaltar a sua heterogeneidade. Essa diversidade é marcada não só pelas desigualdades – gênero, raça/cor, etnia, classe – mas também por suas expressões culturais, simbólicas, isto é, a forma como esse grupo atua dentro do contexto de sociabilidade e da construção do eu e do outro (Calazans et al, 2020, p. 86).

O Estatuto da Juventude é um marco legal fundamental para a formulação e luta pelas políticas públicas de juventude, uma vez que institui os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional da Juventude – SINAJUVE. No entanto, a história da institucionalização das políticas de juventude no Brasil, assim como diversas outras lutas políticas e sociais de caráter emancipatório, não se dá somente através deste marco legal, pois é construída a partir de uma intensa participação social, sobretudo da sociedade civil em conselhos e conferências de juventude, e também da reivindicação pela criação e fortalecimento de redes de gestão de políticas de juventudes dos órgãos federais, estaduais e municipais (Freitas, 2019).

---

<sup>1</sup> É interessante pontuar que o Estatuto de Juventude, ao considerar jovem aquele que possui até 29 anos, se diferencia de outros instrumentos internacionais, como por exemplo a Organização das Nações Unidas – ONU, que considera jovem aquele que possui de 15 até 24 anos.

Apesar da luta e organização das juventudes, das conquistas de importantes marcos legais e dos espaços de participação<sup>2</sup>, o acesso aos direitos assegurados pelo estatuto não é uma realidade para grande parte da população jovem no país, sobretudo para a parcela da juventude que é mais afetada pela desigualdade social e os índices de morte e violência: as juventudes negras. Percebe-se com isso uma demanda sensível e urgente para a realização de políticas públicas específicas que garantam os direitos básicos para este grupo.

Com base nesta realidade, têm-se a partir de 2023 a consolidação do Plano da Juventude Negra Viva (PJNV), instituída por meio do Decreto nº11.444, de 21 de março de 2023. Desenvolvido pelo Ministério de Igualdade Racial (MIR), o PJNV busca a redução das vulnerabilidades que afetam a juventude negra brasileira e a violência letal alicerçada no racismo estrutural, que corresponde à forma como as estruturas sociais, econômicas e políticas foram se constituindo ao longo da história do Brasil, baseadas no racismo, que como processo histórico e político, cria as condições para que grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica (ALMEIDA, 2019). Compreender esta realidade é um passo importante para o seu enfrentamento.

**Figura 1 – Legislações Federais (Brasil) que estabelecem políticas para as Juventudes**



<sup>2</sup> Descritos na Figura 1 e Tabela 1. A exemplo de conquistas legais tem-se, no nível federal, o Plano Nacional da Juventude, e no nível estadual, a Política Estadual de Juventudes, quanto aos espaços de participação, pode-se citar os Conselhos, que ocorrem tanto em nível nacional quanto estadual.

**Tabela 1 – Marcos legais estaduais da política de juventudes no Espírito Santo**

Marcos legais da política de juventudes no Espírito Santo
Lei. Nº 8.594, de 12 de julho de 2007: Institui a Política Estadual de Juventude, seus conselhos e dá outras providências.
Decreto nº 3101-R, de 30 de agosto de 2012: Aprova o Regulamento do Conselho Estadual de Juventudes.
LEI COMPLEMENTAR Nº 830, de 2016: Institui a Subsecretaria de Juventudes, lotada na SEDH.
Lei 11.437, de 18 de outubro de 2021: Cria o Fundo Estadual para as Juventudes do Espírito Santo (FEJUVES).
DECRETO Nº 5101-R, de 04 de março de 2022: Institui o Plano Estadual de juventudes.

Além dessas políticas públicas institucionalizadas e garantidas por lei, tem-se também políticas, ações e programas de governo, tanto no nível federal quanto estadual, que são diversas e abrangem diferentes demandas das juventudes, tais como educação, ensino superior, trabalho e renda, saúde, entre outros.

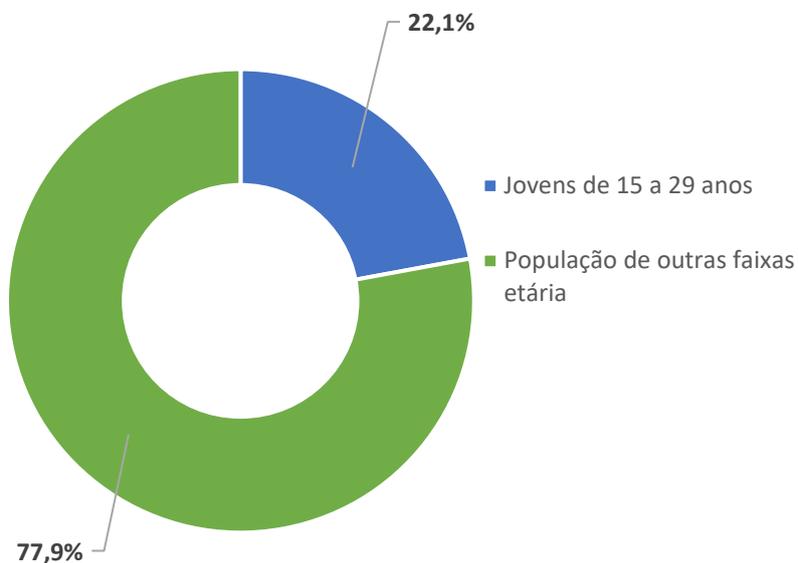
**Destacam-se como políticas de governo:**

- Na esfera federal: Plano da Juventude Negra Viva, que atua em nível nacional através do Ministério da Igualdade Racial (Decreto nº 11.444/2023) e busca reduzir as vulnerabilidades que afetam a juventude negra brasileira e a violência letal alicerçada no racismo estrutural.
- Na esfera estadual do Espírito Santo: Centros de Referência de Juventudes – CRJs, cujo objetivo é a garantia dos direitos das juventudes, com foco nas juventudes que residem em áreas de maior vulnerabilidade social.

## 2. Dados populacionais: Juventudes no Brasil, Espírito Santo e Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV, por faixa etária, sexo e raça/cor

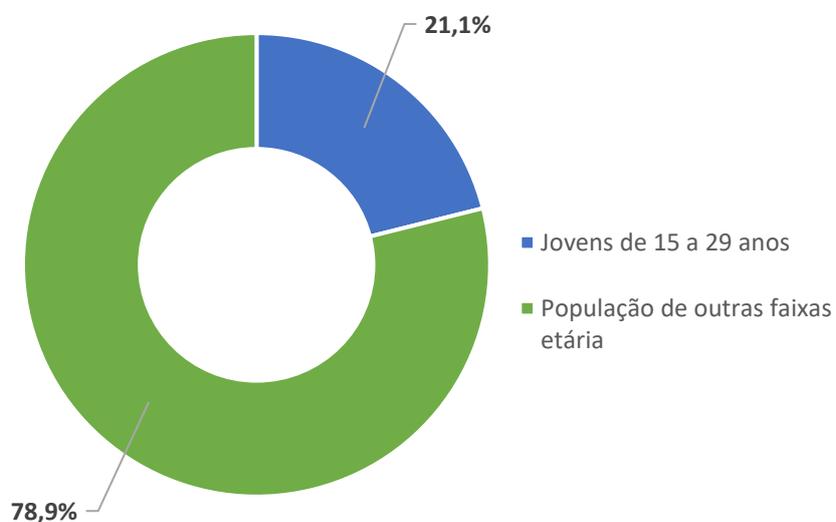
A população Jovem no Brasil corresponde a 22,1% (44.833.980) da população total; no Espírito Santo 21,1% (807.922) de pessoas estão na faixa etária entre 15 a 29 anos, enquanto na RMGV esse grupo representa 21,3% (399.943) da população. Os gráficos 1, 2 e 3 apresentam os dados dos jovens de 15 a 29 anos em relação à população total de cada território.

**Gráfico 1 – Porcentagem de Jovens de 15 a 29 anos, Brasil, 2022**



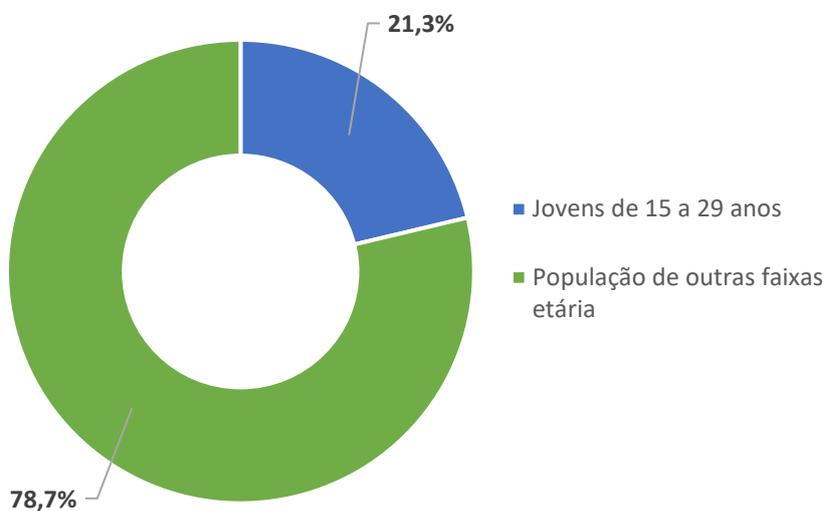
Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

**Gráfico 2 – Porcentagem de Jovens de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

**Gráfico 3 – Porcentagem de Jovens de 15 a 29 anos, RMGV, 2022**

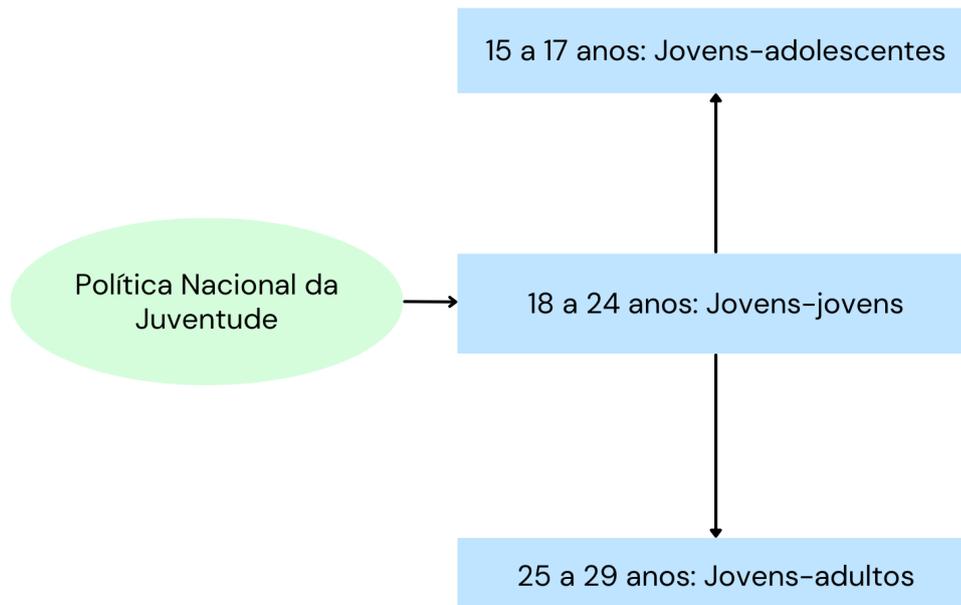


Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se que em relação à população total de cada território, os jovens de 15 a 29 representam mais de 20% nos três casos. É uma parcela populacional significativa que possui particularidades, se constroem e são construídos como sujeitos a partir de

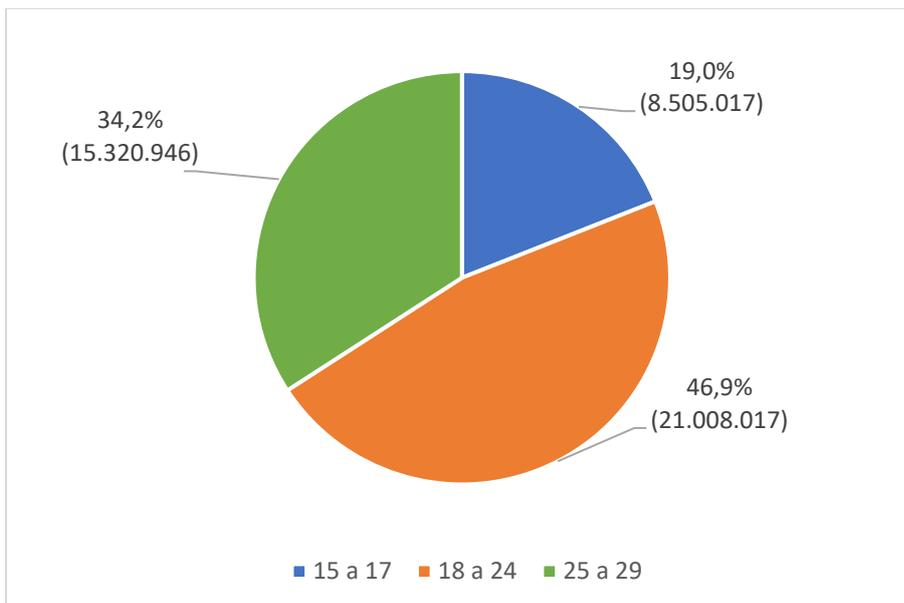
suas experiências, que interpretam e dão sentido ao seu mundo e às relações que mantêm (DAYRELL, 2003). De modo a compreender a diversidade que compõem este grupo etário, pretende-se apresentar os diversos grupos a partir de cada faixa etária, como preconiza a Política Nacional da Juventude.

**Figura 1 – Faixa etária dos jovens segundo a Política Nacional da Juventude**



Diante disso, a partir do universo total de jovens do Brasil, Espírito Santo e RMGV, realizou-se o recorte por cada segmento etário. Os gráficos a seguir representam esse quantitativo.

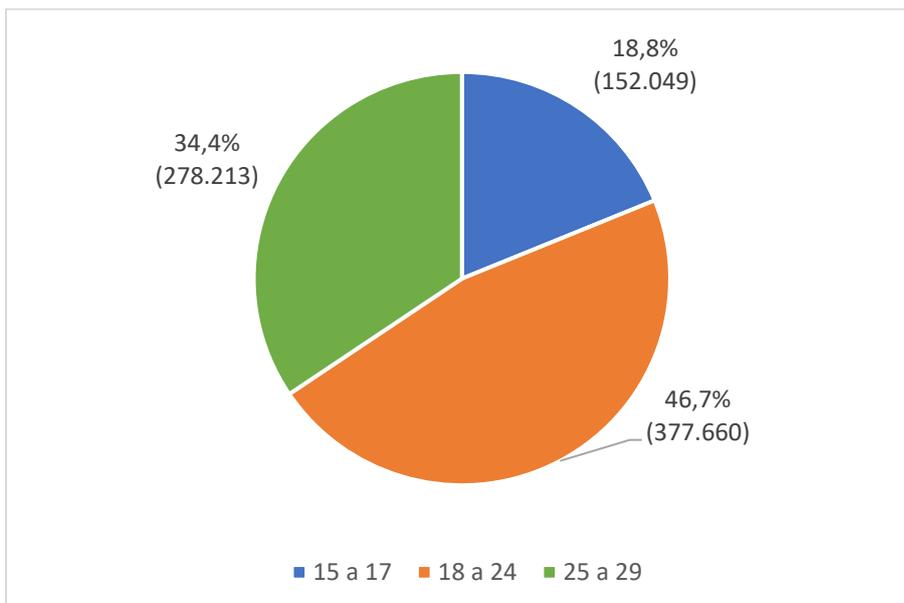
**Gráfico 4 - Jovens de 15 a 29 anos, Brasil, por faixa etária**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se a partir dos dados do gráfico 4 que no Brasil, dentre os jovens de 15 a 29 anos, a faixa etária mais expressiva é a de 18 a 24 anos, ou seja, de jovens-jovens, a qual representa 46,9%, seguida pelo grupo de 25 a 29 anos, os jovens-adultos, com 34,2%. O gráfico 5 apresenta esses dados para o Espírito Santo.

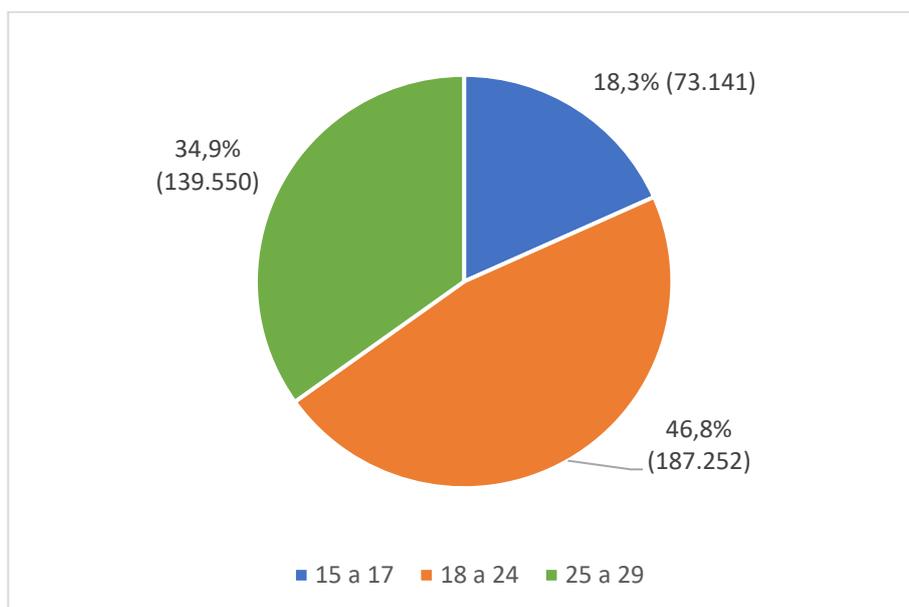
**Gráfico 5 - Jovens de 15 a 29 anos, Espírito Santo, por faixa etária**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

O gráfico 5 mostra que o Espírito Santo se assemelha ao Brasil em relação à distribuição percentual das faixas etárias dos jovens. Também figura como maioria, em relação ao total de jovens, aqueles de 18 a 24 anos (jovens-jovens), que representam 46,7% do total, seguido pelos jovens-adultos, aqueles que possuem 25 a 29 anos (34,4%). O gráfico 6 apresenta esses dados em relação à RMGV.

**Gráfico 6 - Jovens de 15 a 29 anos, RMGV, por faixa etária**



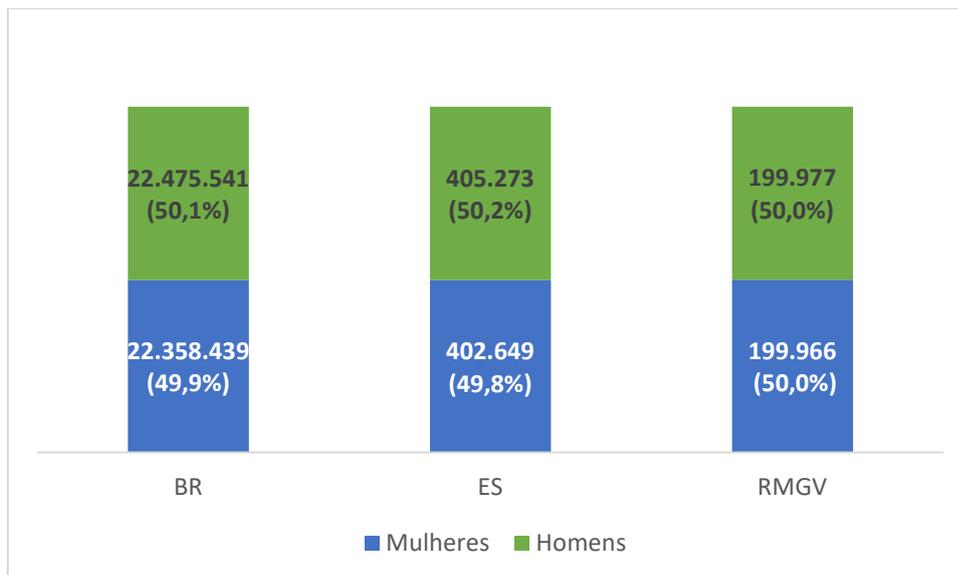
Jovens-jovens (18 a 24 anos) representam a maioria entre os jovens, nas três regiões.

Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Na RMGV, a representatividade de jovens-jovens, assim como no Brasil e Espírito Santo, é a mais expressiva, totalizando 46,8% do total, seguido pelos jovens-adultos, que representam 34,9%.

Para além dos recortes de faixa etária, é importante analisar os recortes por sexo, de modo a compreender como está a representatividade dos homens e das mulheres jovens no Brasil, Espírito Santo e RMGV. Os gráficos 7 e 8 apresentam esse panorama.

**Gráfico 7 - Jovens de 15 a 29 anos, por sexo, Brasil, ES e RMGV**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

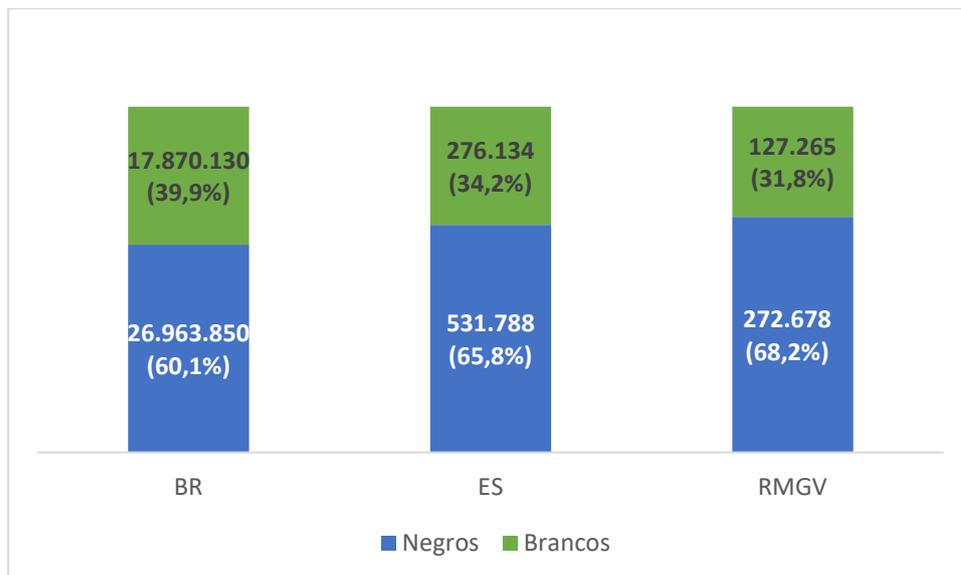
Em relação ao quantitativo total de jovens no Brasil, os homens configuram a maioria, representando 50,1% do todo, enquanto as mulheres apresentam um percentual de 49,9%. A diferença entre ambos é de 0,2 pontos percentuais (p.p).

Semelhante à situação do Brasil, no Espírito Santo os homens também são a maioria entre os jovens, representando 50,2% do total. No caso das mulheres, elas representam 49,8%, e a diferença entre eles é de 0,4 p.p. a mais para os homens.

Em relação ao quantitativo total de jovens na RMGV, homens e mulheres possuem uma representatividade de 50%, apesar do número absoluto de homens ser maior em relação às mulheres (11 homens a mais que mulheres).

Para além do recorte de sexo, é importante identificar como está a distribuição por raça/cor dentre as juventudes do Brasil, Espírito Santo e RMGV. O gráfico 8 apresenta esse recorte.

**Gráfico 8 – Jovens de 15 a 29 anos, por raça/cor, Brasil, ES e RMGV<sup>3</sup>**



Nas três regiões, jovens negros representam a maioria entre os jovens.

Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

No Brasil, a maior parcela dos jovens é composta por pessoas negras<sup>4</sup>, as quais representam 60,1% do universo total. A diferença entre jovens negros e brancos é de 20,2 p.p a mais para jovens negros.

No Espírito Santo, assim como no Brasil, a juventude negra é a mais expressiva, representando 65,8% do total dos jovens no estado, em comparação a 34,2% de brancos. Entre eles, a diferença é de 31,6 p.p. a mais para os jovens negros.

Na RMGV as pessoas negras também são maioria entre os jovens, representando 68,2% do universo total de jovens, enquanto os brancos totalizam 31,8%. Entre eles, a diferença é de 36,4 p.p. a mais para os jovens negros.

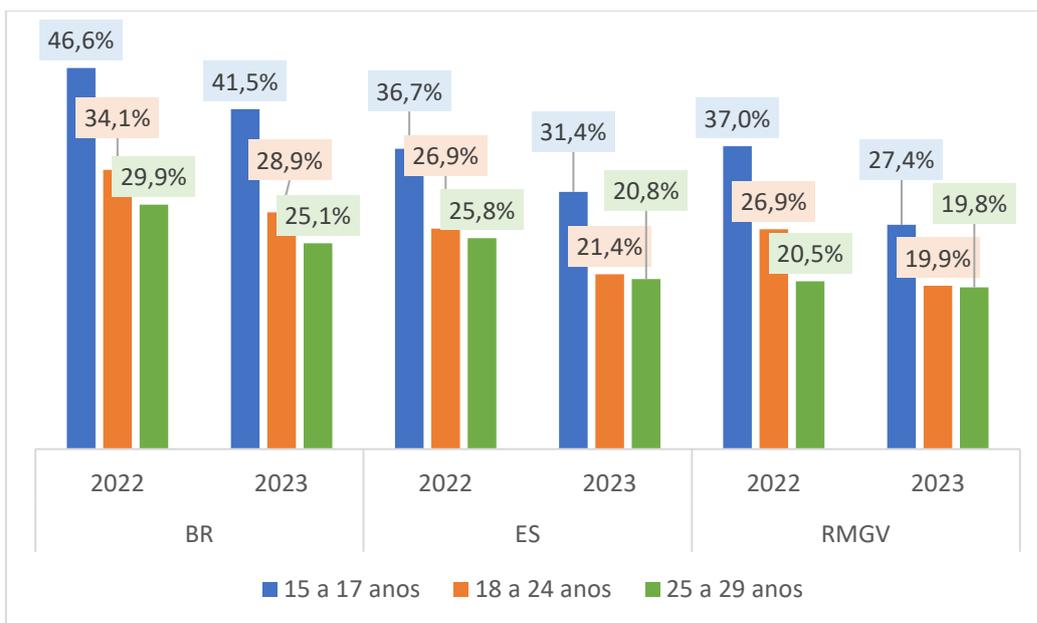
<sup>3</sup> O cálculo com recorte de raça/cor foi realizado da seguinte maneira: número de negros de 15 a 29 anos/número total da população de 15 a 29 anos. A mesma fórmula foi utilizada para calcular a porcentagem de brancos. Os indígenas e quilombolas serão abordados em um tópico separado devido às suas especificidades.

<sup>4</sup> Somatório de pretos e pardos.

### 3. Pobreza e Extrema Pobreza

No Brasil, em 2023, haviam 14.530.783<sup>5</sup> jovens na pobreza. No Espírito Santo 205.980 jovens, e na RMGV 94.963<sup>6</sup>. Desse total, a maior parcela são os jovens-adolescentes, para os três territórios, conforme aponta o gráfico 9.

**Gráfico 9 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos na pobreza, Brasil, ES e RMGV, 2023**



Os jovens-adolescentes apresentam maior percentual de pobreza.

Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

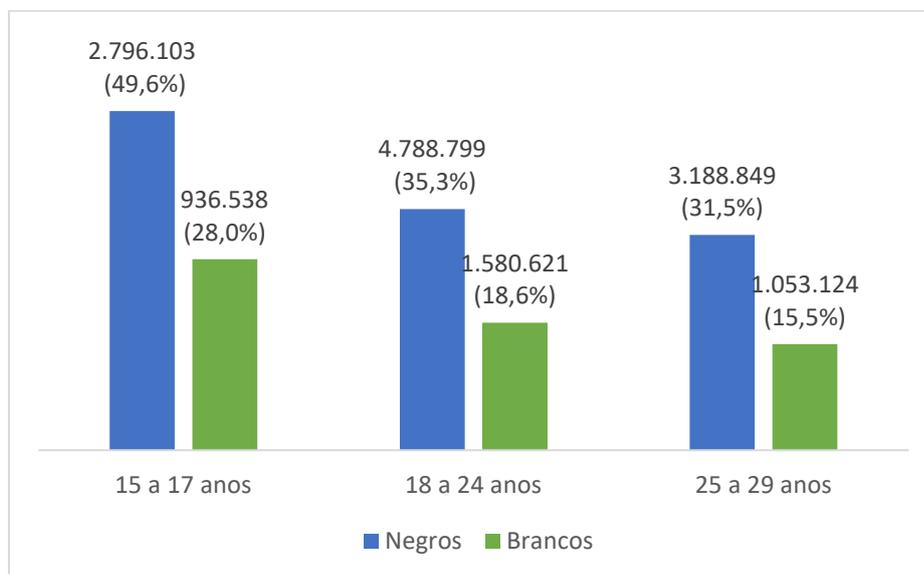
É possível perceber que à medida que os jovens vão ficando mais velhos, o percentual dessa categoria na pobreza diminui, o que pode ser explicado por uma inserção no mercado de trabalho, que geralmente acontece quando atingem os 18 anos.

Ao realizar um recorte racial, percebe-se que as pessoas negras são maioria entre os pobres, nas três regiões, como mostram os gráficos 10, 11 e 12.

<sup>5</sup> Os recortes de raça contemplados neste boletim serão de negros (somatório de pretos e pardos), e brancos. Portanto, os totais apresentados no gráfico não serão iguais ao total de jovens, uma vez que não estão inclusos os indígenas e amarelos.

<sup>6</sup> A linha da pobreza adotada no presente estudo tem como referência no Brasil o valor de R\$664,02, e de R\$ 670,58 para o Espírito Santo (atualizados em 2023), sendo considerados pobres aqueles que vivem com um valor per capita igual ou menor a esse como renda mensal. As pessoas que se encontram na extrema pobreza são aquelas que vivem com valor per capita igual ou inferior a R\$208,42 mensais no Brasil, e no caso do Espírito Santo, esse valor passa a ser de R\$ 210,48, atualizados no ano de 2023. A diferença nas linhas do Brasil e Espírito Santo se deve às diferentes inflações das linhas de pobreza para cada região.

**Gráfico 10 – Percentual de jovens na pobreza, por raça/cor, Brasil, 2023<sup>7</sup>**



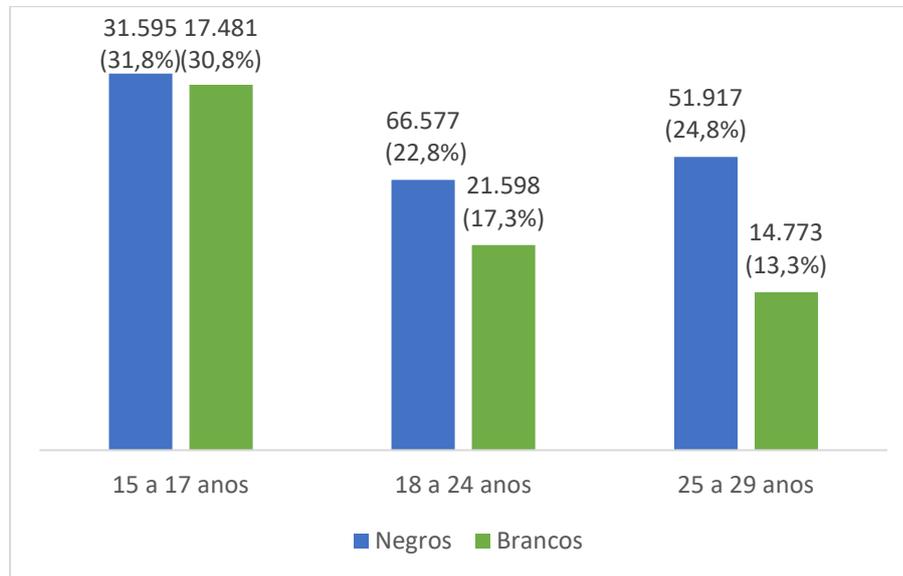
Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se a partir dos dados do gráfico 10 que o percentual de jovens negros que se encontram na pobreza é superior em relação aos brancos para as três faixas etárias no Brasil.

O gráfico 11 apresenta os dados para o Espírito Santo.

<sup>7</sup> Neste total, foram computados apenas o universo de jovens negros e brancos, por este motivo, o quantitativo se diferencia do total de jovens em cada região, que inclui indígenas, quilombolas e amarelos.

**Gráfico 11 – Percentual de jovens na pobreza, por raça/cor, Espírito Santo, 2023**

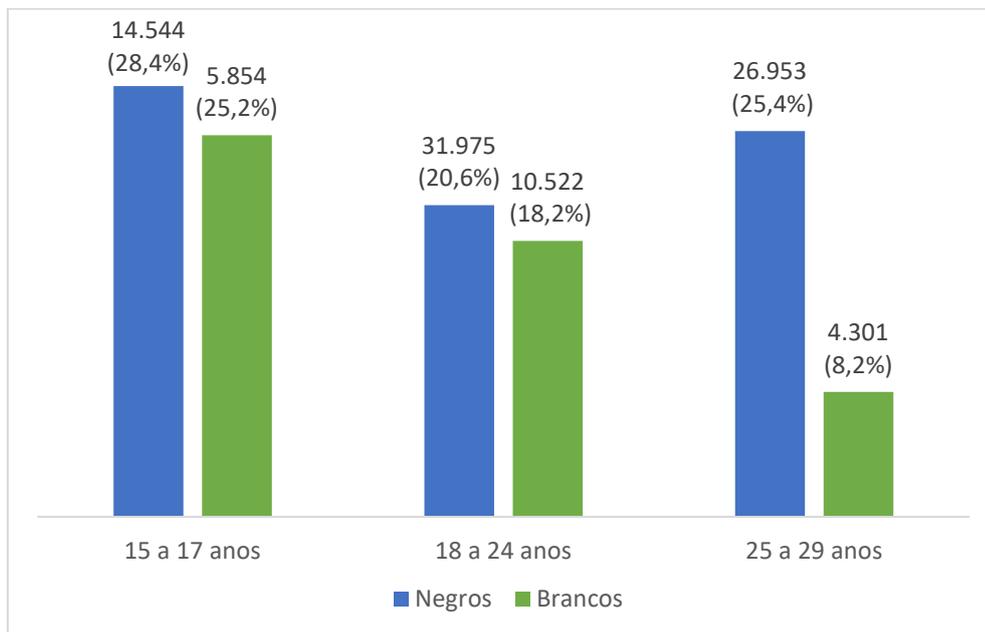


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Situação semelhante ao Brasil é encontrada no Espírito Santo, em que os jovens negros são maioria na pobreza. Entre o segmento etário de 15 a 17 anos, essa diferença é de apenas 1 p.p. a mais para os jovens negros, entretanto, para as outras faixas etárias, essa diferença é maior.

O gráfico 12 apresenta os dados para a RMGV.

**Gráfico 12 – Percentual de jovens na pobreza, por raça/cor, RMGV, 2023**

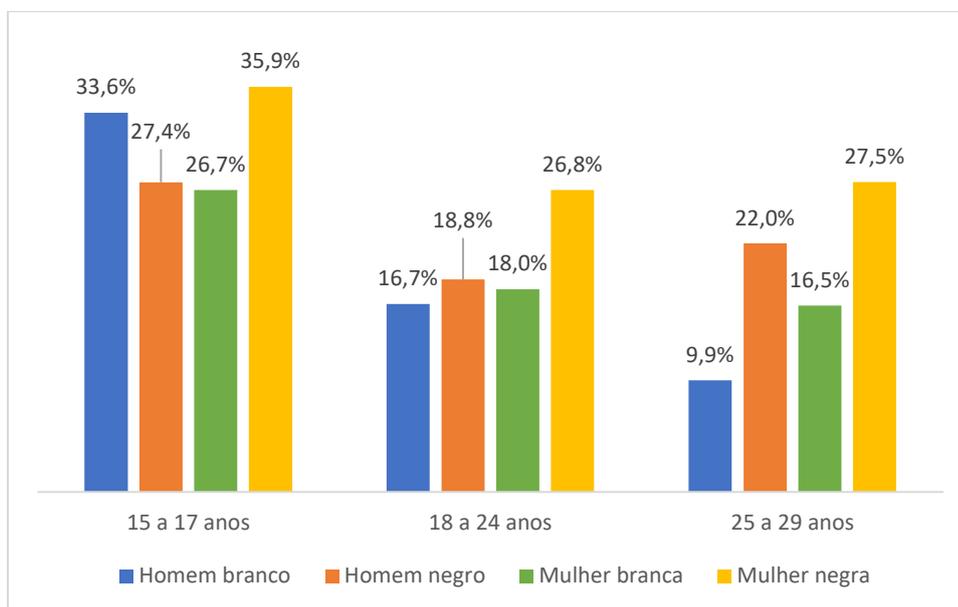


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Os jovens negros são maioria na pobreza também na RMGV, e essa diferença se torna muito significativa na faixa etária de 25 a 29 anos, a qual tem 17 p.p. a mais de jovens negros pobres, em relação aos brancos.

De modo a compreender como a pobreza afeta a população a partir dos marcadores de desigualdade de raça/cor e gênero, o gráfico 13 apresenta os percentuais de pessoas pobres com os recortes de raça/cor e sexo.

**Gráfico 13 – Percentual de jovens na pobreza, por raça/cor e sexo, Espírito Santo, 2023<sup>8</sup>**



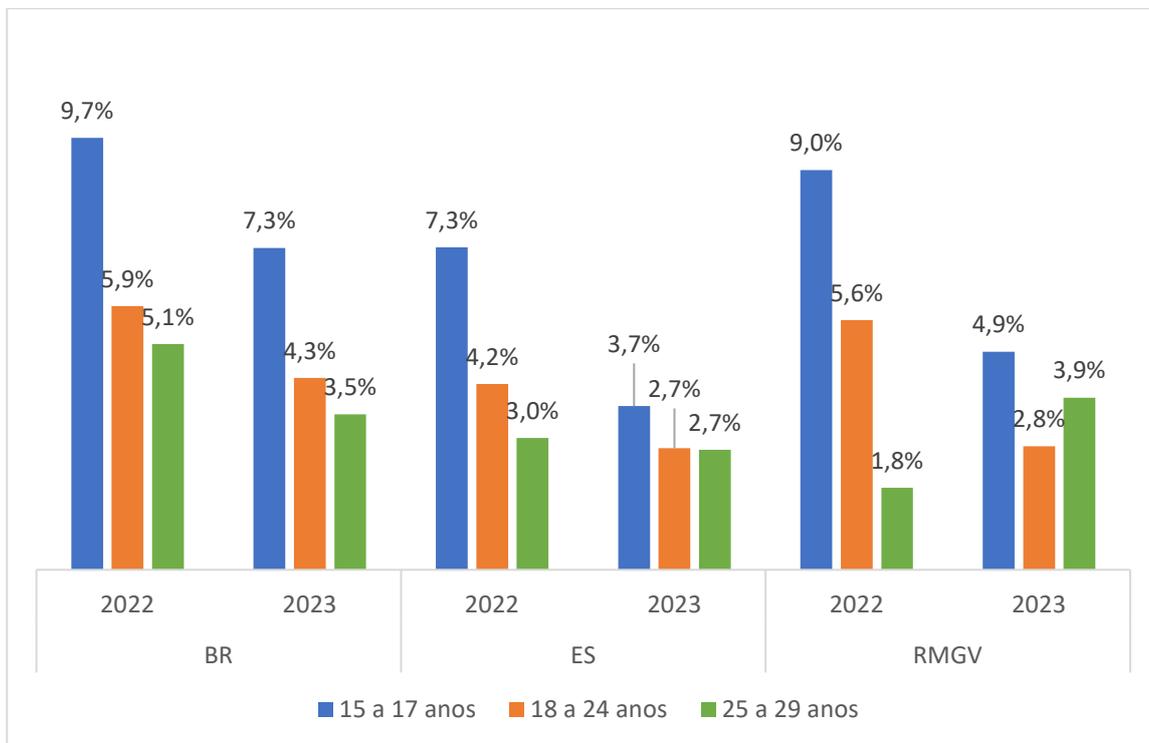
Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se a partir do gráfico 13 que em todos os casos relativos às diferentes faixas etárias, as mulheres negras são maioria na pobreza. Outra informação importante que se tem a partir da leitura do gráfico é a diminuição da pobreza de homens brancos e mulheres brancas ao longo das faixas etárias, mas este padrão não é visto no caso de homens e mulheres negras.

Para compreender o panorama da extrema pobreza, o gráfico 14 apresenta a porcentagem de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, Espírito Santo e RMGV nesta categoria.

<sup>8</sup> O fato de que no Espírito Santo os homens brancos de 15 a 17 anos aparecem com um percentual de pobres mais elevado do que o de homens negros na mesma faixa etária pode ser atribuído a diminuição do intervalo de confiança da PNADC, ocasionada pelos recortes de raça/cor, sexo e idade.

**Gráfico 14 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos na Extrema Pobreza, Brasil, ES e RMGV**

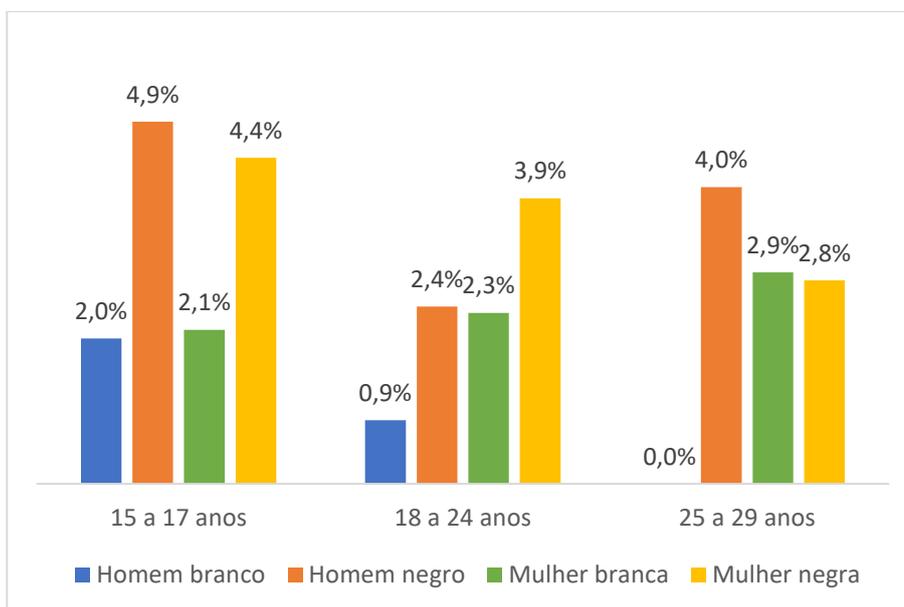


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Na extrema pobreza, os maiores percentuais foram apresentados pelos jovens-adolescentes, nas três regiões. Além disso, o Brasil e o Espírito Santo apresentaram uma redução da extrema pobreza no ano de 2023, em relação ao ano anterior. Excepcionalmente a RMGV, relativo à faixa etária de 25 a 29 anos, apresentou um aumento de 2 p.p. no ano de 2023, em relação ao ano anterior. Para as outras faixas etárias o território apresentou uma diminuição da extrema pobreza.

De modo a compreender como a extrema pobreza afeta a população a partir dos marcadores de desigualdade de raça/cor e gênero, o gráfico 15 apresenta os percentuais de pessoas extremamente pobres com os recortes de raça/cor e sexo.

**Gráfico 15 – Percentual de jovens na extrema pobreza, por raça/cor e sexo, Espírito Santo, 2023**



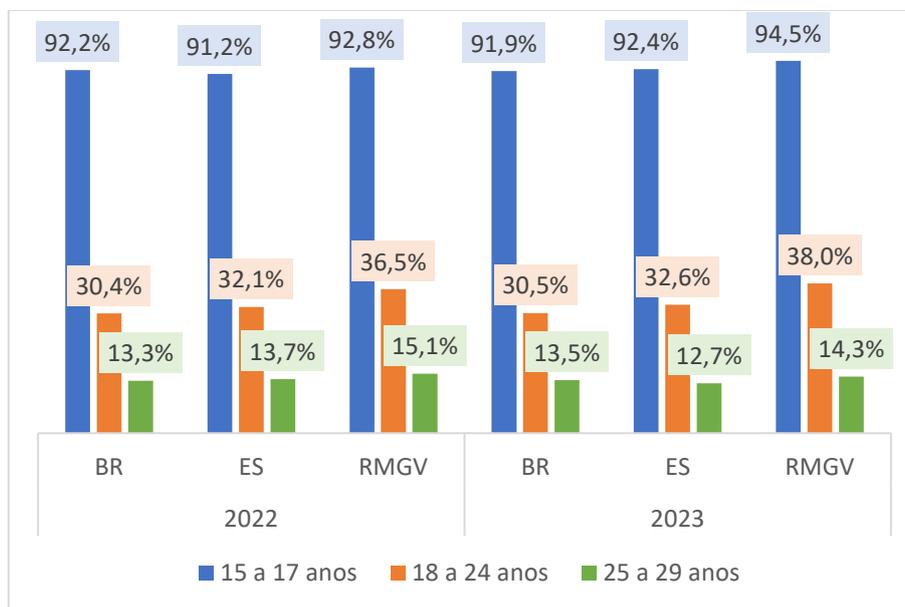
Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se a partir do gráfico 15 que no caso da extrema pobreza, na faixa etária de 15 a 17 anos, os jovens homens negros são maioria, seguido por mulheres negras. Esse padrão é percebido também nos outros recortes etários. Além disso, percebe-se um aumento de jovens mulheres brancas na extrema pobreza passando com as mudanças das faixas etárias. O mesmo não é percebido nos dados sobre jovens homens brancos, os quais apresentam uma diminuição.

#### 4. Educação

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os jovens-adolescentes encontram-se na etapa educacional do ensino médio, de no mínimo 3 anos. Após este processo, ingressam no ensino superior ou técnico profissionalizante. Porém, o ensino superior não se configura como etapa obrigatória, apesar de ser importante para que o jovem possa se especializar para ingressar no mercado de trabalho enquanto profissional. O gráfico 16 mostra que com o avanço da idade, a frequência escolar diminui.

**Gráfico 16 – Percentual de frequência escolar de jovens de 15 a 29 anos, Brasil, ES e RMGV**

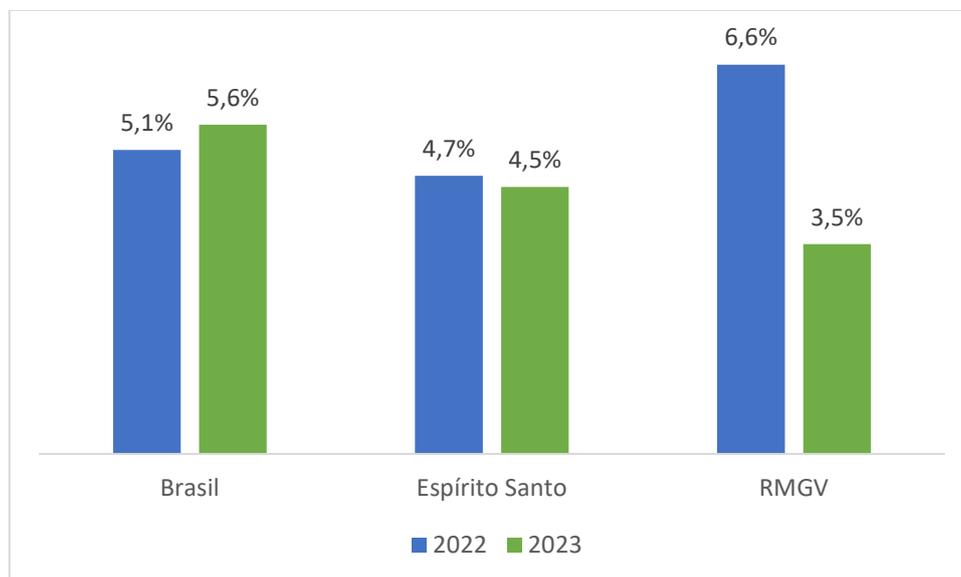


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

O maior percentual de frequência escolar é relativo aos jovens de 15 a 17 anos, que frequentam a última etapa educacional obrigatória, o Ensino Médio. É importante destacar que o Plano Estadual de Educação – ES, em curso até 2025, tem como Meta 3 universalizar o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos até 2016. Como é possível perceber, a meta não foi alcançada, uma vez que apesar do quantitativo estar próximo da meta, ainda não são 100% dos jovens nessa faixa etária que frequentam essa etapa da educação.

Além dos jovens que não estudam, há aqueles que também não ingressaram no mercado de trabalho. São inúmeros os motivos para que isso aconteça, entre eles pode-se citar a dificuldade em encontrar emprego face a falta de qualificação adequada e a baixa oferta de empregos que sejam atraentes para os perfis das juventudes, entre outras possíveis causas. Os gráficos 17 e 18 apresentam esses dados.

**Gráfico 17 – Percentual de jovens de 15 a 17 anos que nem estuda nem trabalha, Brasil, ES e RMGV, 2022 e 2023**

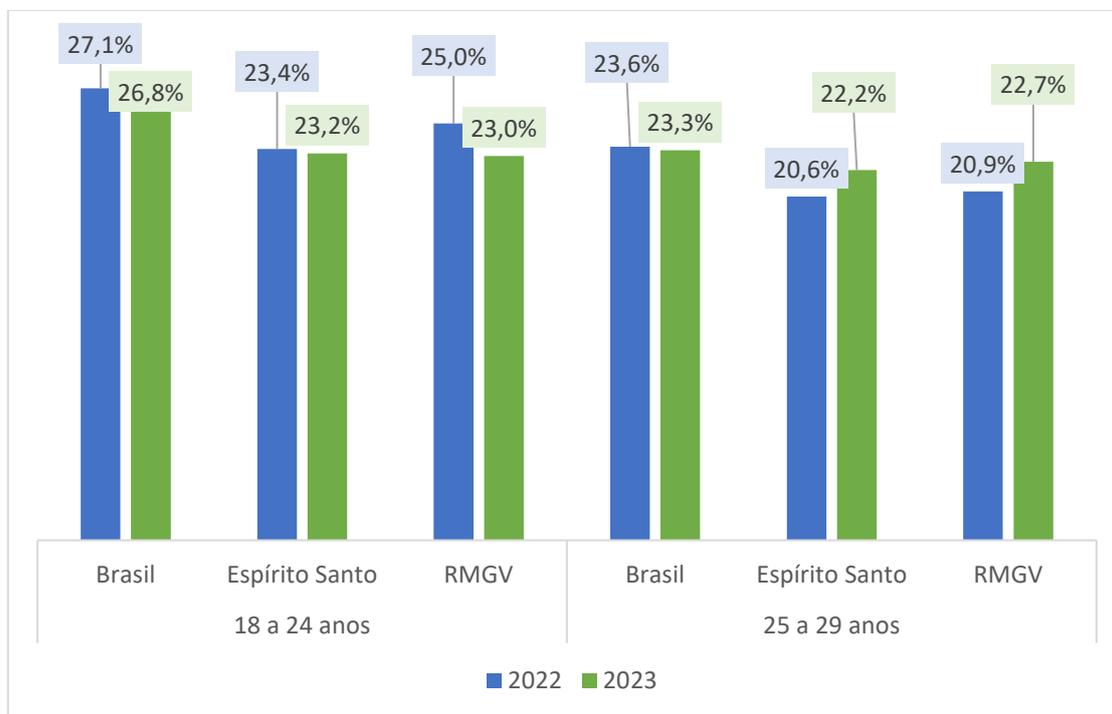


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Como é possível perceber a partir do gráfico 17, entre os jovens de 15 a 17 anos, o percentual daqueles que nem estuda nem trabalha tanto no Brasil, quanto no Espírito Santo e RMGV vêm diminuindo no período apresentado (2022 e 2023). Em relação ao ano de 2023, o percentual do ES e da RMGV estava abaixo do Brasil. Espera-se, com base nos principais arranjos legais, a citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que esse segmento etário esteja frequentando o Ensino Médio, e podendo se inserir no mercado de trabalho na condição de jovem aprendiz, como preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente – Ecriad.

O gráfico 18 apresenta esses dados com o recorte de 18 a 29 anos.

**Gráfico 18 – Percentual de jovens de 18 a 29 anos que nem estuda nem trabalha, Brasil, ES e RMGV, 2022 e 2023**

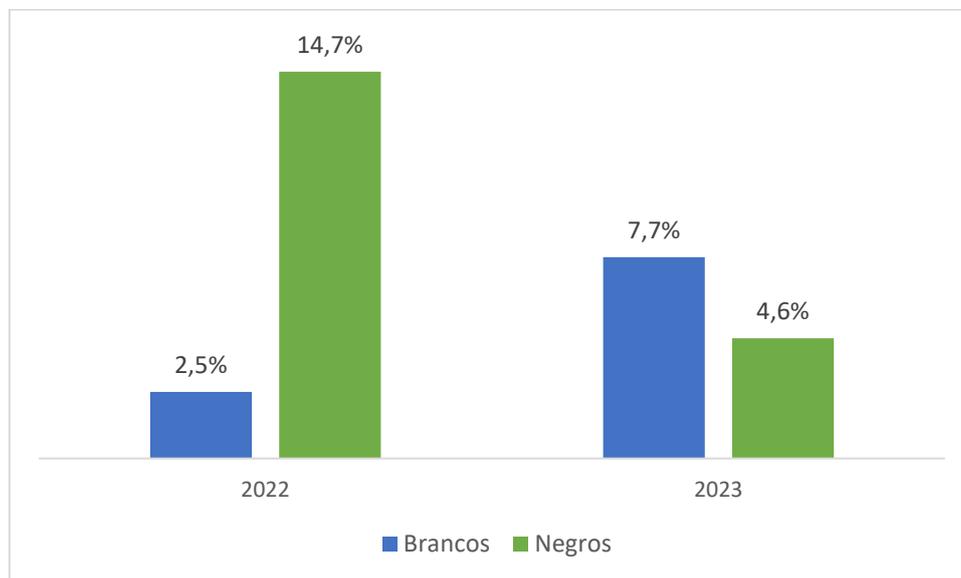


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Do segmento etário de 18 a 24 anos, houve uma redução do percentual de jovens que nem estudam nem trabalham para as três regiões. Entre os jovens de 25 a 29 anos nota-se um aumento no Espírito Santo e na RMGV, respectivamente de 2 p.p e 5 p.p.

De modo a compreender esse indicador no caso dos jovens negros, os gráficos 19 e 20 apresentam esses dados.

**Gráfico 19 – Percentual de jovens de 15 a 17 anos que nem estuda nem trabalha por raça/cor, Espírito Santo, 2022 e 2023**



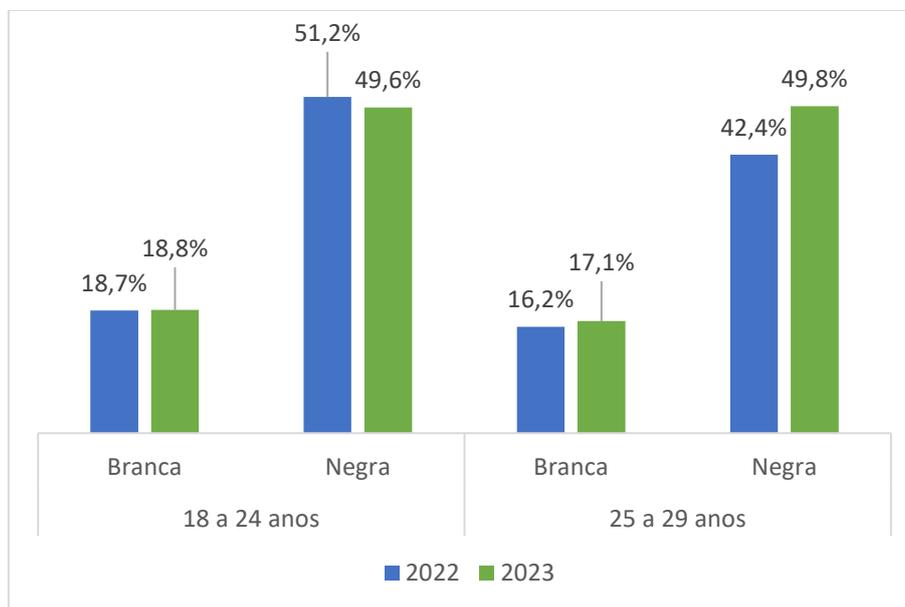
Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Entre os jovens de 15 a 17 anos que nem trabalham e nem estudam, os negros representam os maiores percentuais. As explicações são multifatoriais e vão desde dificuldades financeiras até a ausência de políticas de permanência na escola, ou geralmente, a necessidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho informal<sup>9</sup>, para complementar a renda familiar.

O gráfico 20 apresenta esses dados para os jovens de 18 a 29 anos.

<sup>9</sup> Coloca-se essa inserção no mercado de trabalho informal uma vez que, segundo o ECRAD, a possibilidade de trabalho para esta faixa etária deve conciliar-se com a obrigatoriedade escolar.

**Gráfico 20 – Percentual de jovens de 18 a 29 anos que nem estuda nem trabalha por raça/cor, Espírito Santo, 2022 e 2023**

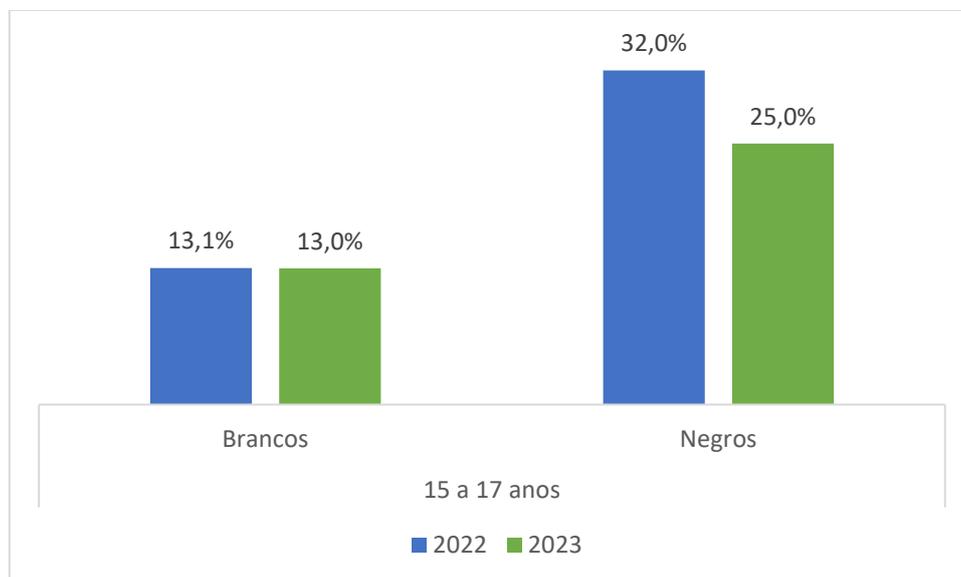


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Percebe-se que entre os jovens de 18 a 29 anos que nem estuda e nem trabalha, os negros representam os maiores percentuais. As diferenças percentuais entre jovens negros e brancos são significativas, apresentando em 2023 uma diferença de 30,8 p.p para a faixa etária de 18 a 24 anos e de 32,7 p.p para os jovens 25 a 29 anos.

Dentre as dificuldades que perpassam a vida dos jovens mais pobres é a necessidade de conciliar, em muitos casos, os estudos com trabalho, de modo não somente conseguir se manter estudando, mas também contribuir para a renda familiar. Os gráficos 21 e 22 apresentam o percentual de jovens que trabalham e estudam por raça/cor.

**Gráfico 21 – Percentual de jovens de 15 a 17 anos que trabalham e estudam por raça/cor, Espírito Santo, 2022 e 2023**

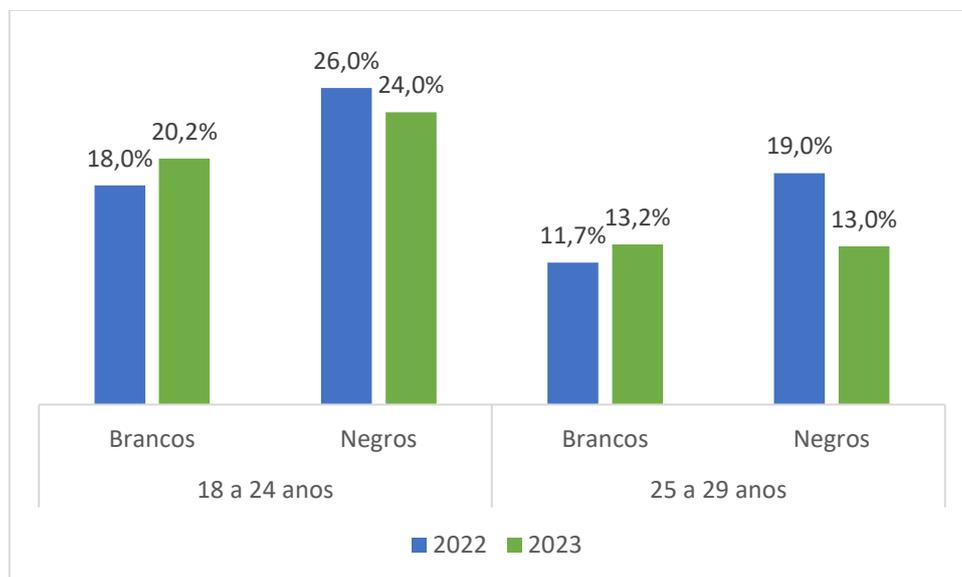


Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Os jovens nessa faixa etária de 15 a 17 anos encontram-se na etapa do Ensino Médio, e a inserção no mercado de trabalho se dá principalmente a partir de programas de Estágio, em que eles precisam conciliar com os estudos, o qual ainda nesse caso é uma prioridade e etapa obrigatória. Muitos jovens inserem-se precocemente no mercado de trabalho para complementar a renda familiar. O gráfico 21 mostra que, entre os jovens negros, o percentual daqueles que precisam conciliar trabalho e estudo é maior do que no caso dos jovens brancos, apesar de ambas categorias de raça/cor geralmente buscarem um emprego visando a complementação da renda familiar.

O gráfico 22 apresenta esses dados para os jovens de 18 a 29 anos.

**Gráfico 22 – Percentual de jovens de 18 a 29 anos que trabalham e estudam por raça/cor, Espírito Santo, 2022 e 2023**



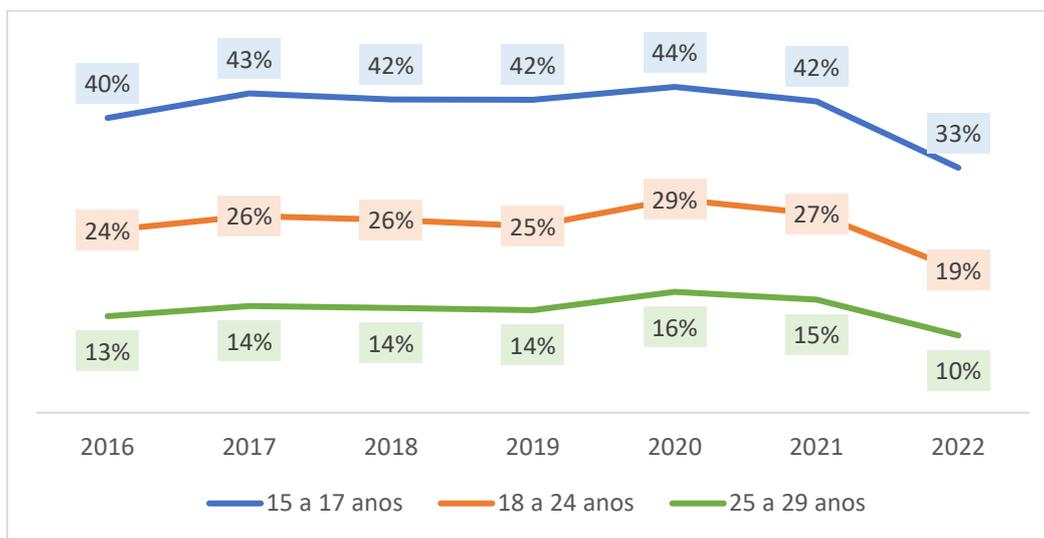
Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

No caso dos jovens da faixa etária de 18 a 24 anos, ocorreu uma diminuição de 2 p.p. no percentual dos jovens negros que estudavam e trabalhavam entre 2022 e 2023, e 6 p.p para os jovens de 25 a 29 anos, para o mesmo período. Em contrapartida, o número de jovens brancos nesta mesma categoria e segmentos etários aumentou.

## 5. Juventudes, Mercado de trabalho e Violência

As juventudes enfrentam problemas relativos à entrada no mercado de trabalho, à educação e ao aumento da violência, questões que se constituem enquanto entraves para a construção de um projeto de vida deste segmento (CALAZANS et al, 2020, p. 85). O gráfico 23 apresenta dados relativos ao mercado de trabalho em relação aos jovens de 15 a 29 anos no Brasil.

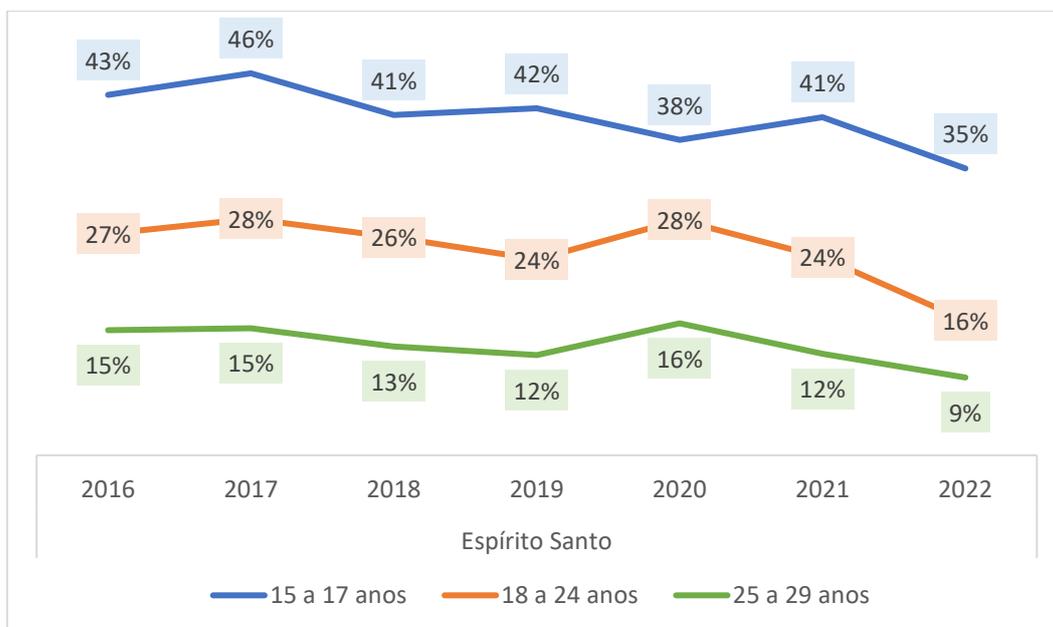
**Gráfico 23 – Percentual de desocupação de jovens de 15 a 29 anos, Brasil, 2016-2022**



Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

É perceptível que a partir de 2020 há uma tendência à queda na série histórica apresentada acerca do percentual de desocupação de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, a qual apresenta, em 2022, uma baixa significativa em relação aos outros anos.

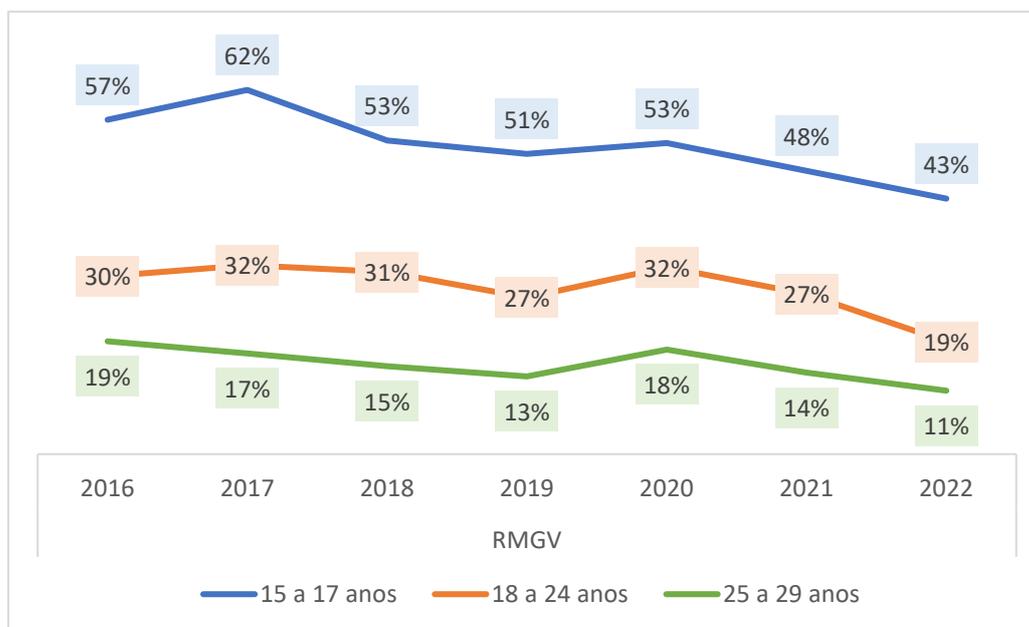
**Gráfico 24 – Percentual de desocupação de jovens de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2016-2022**



Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Situação semelhante ao Brasil é notada no Espírito Santo, cuja série história mostra que em 2022, em relação aos outros anos, há uma queda no percentual de desocupação dos jovens.

**Gráfico 25 – Percentual de desocupação de jovens de 15 a 29 anos, RMGV, 2016-2022**



Fonte: PNAD-Contínua, 2023. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

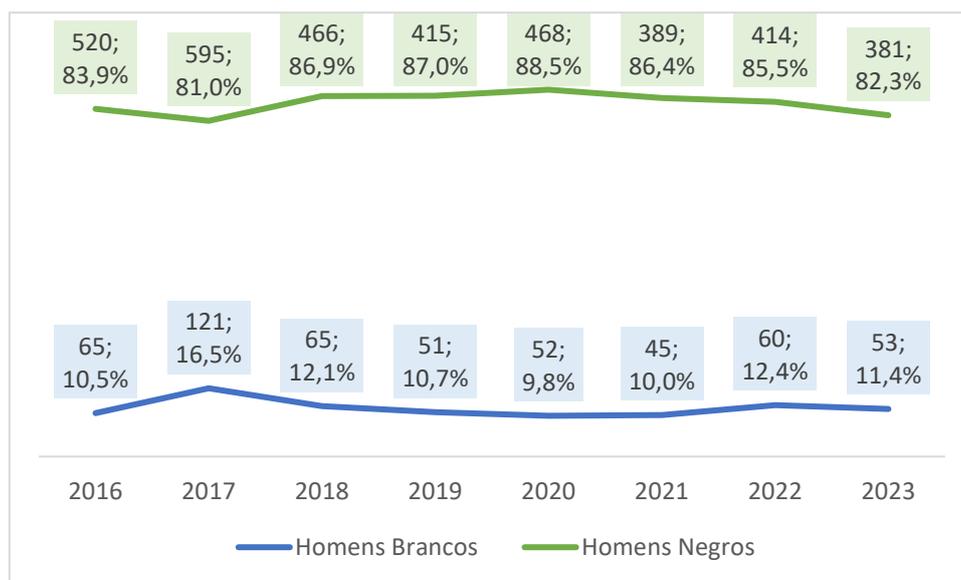
Assim como ocorre no Brasil e Espírito Santo é percebido na RMGV. Essa queda tanto no Brasil quanto no Espírito Santo pode estar relacionada com a ampliação de políticas públicas que orientam e oportunizam as juventudes a se inserirem no mercado de trabalho e em espaços de profissionalização, como em cursos de nível técnico ou, no caso dos jovens de 18 a 29 anos, no nível superior.

Uma alta taxa de desocupação está somada às desigualdades sociais, como a falta de estudos, pobreza, entre outras questões, diretamente ligados a violência letal que atinge as juventudes (CALAZANS, 2020, p. 88). Neste sentido, os homicídios precisam ser analisados a partir de um recorte étnico-racial, pois entre as juventudes, a incidência deste tipo de violência é maior entre homens negros<sup>10</sup>. O universo total é

<sup>10</sup> O cálculo dos percentuais realizou-se da seguinte maneira: n° homens negros de 15 a 29 anos mortos em homicídios dolosos/n° de homens de 15 a 29 anos mortos em homicídios dolosos\*100. A partir disso foram feitos os cálculos de cada categoria racial do total de homens e mulheres vítimas de mortes tipificadas como homicídio doloso.

referente ao número de vítimas de homicídio doloso por sexo, de modo a compreender desse total, qual a incidência em cada grupo racial. O gráfico 26 apresenta o percentual de homicídios dolosos por sexo e cor/raça, para o Espírito Santo.

**Gráfico 26 – Distribuição percentual dos homicídios dolosos entre jovens homens de 15 a 29 anos no Espírito Santo, por raça/cor, 2016-2023<sup>11</sup>**

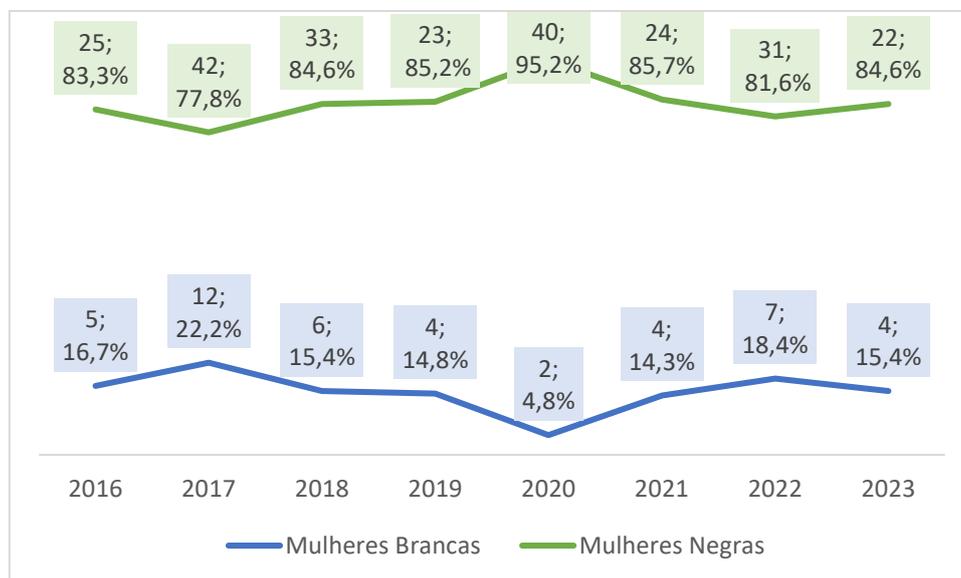


Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

A série histórica mostra que entre os homens, os negros correspondem, desde 2016, a mais de 80% das vítimas.

<sup>11</sup> Os dados de homicídio doloso e morte em confronto com a polícia tem como universo de cálculo o total de homens e total de mulheres, incluindo todas as categorias raciais (pretos, pardos, brancos, amarelos e sem informação). Porém, a análise racial se limitou ao quantitativo de negros (soma de pretos e pardos) e brancos, por este motivo a soma dos percentuais em alguns casos não terá como resultado 100%.

**Gráfico 27 – Distribuição percentual dos homicídios dolosos entre jovens mulheres de 15 a 29 anos no Espírito Santo, por raça/cor, 2016-2023**

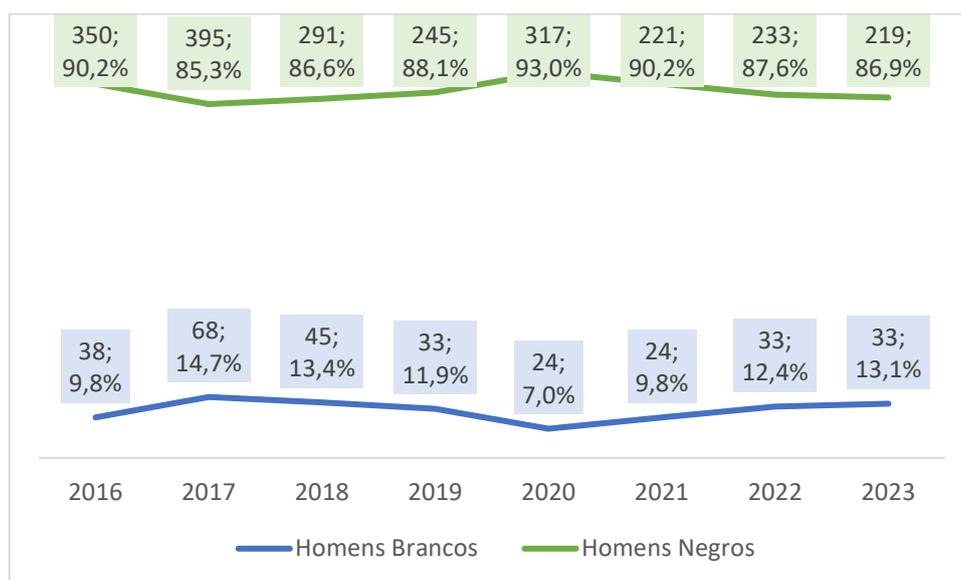


Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Os dados mostram que entre as mulheres, as negras também são as mais vitimadas em relação às brancas.

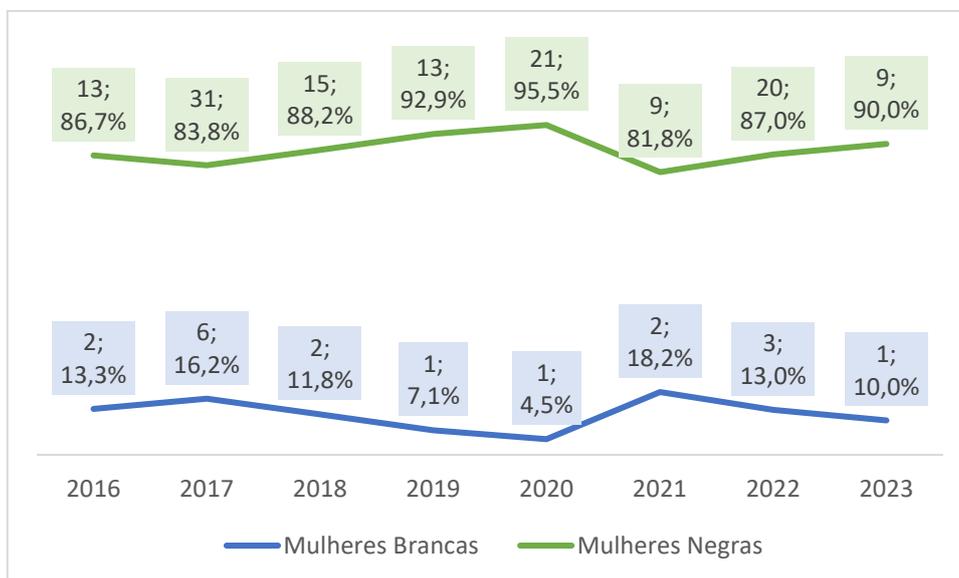
O gráfico 28 e 29 apresentam esses dados em relação a RMGV.

**Gráfico 28 - Distribuição percentual dos homicídios dolosos entre jovens homens de 15 a 29 anos na RMGV, por raça/cor, 2016-2023**



Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

**Gráfico 29 - Distribuição percentual dos homicídios dolosos entre jovens mulheres de 15 a 29 anos na RMGV, por raça/cor, 2016-2023**



Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Tanto no Espírito Santo quanto na RMGV, a violência tipificada como homicídio doloso atinge mais as juventudes masculina e negra. Entre homens jovens, os negros são a maioria nos casos, assim como no caso das mulheres, em que do grupo de mulheres vítimas de homicídios dolosos, as negras são a maioria.

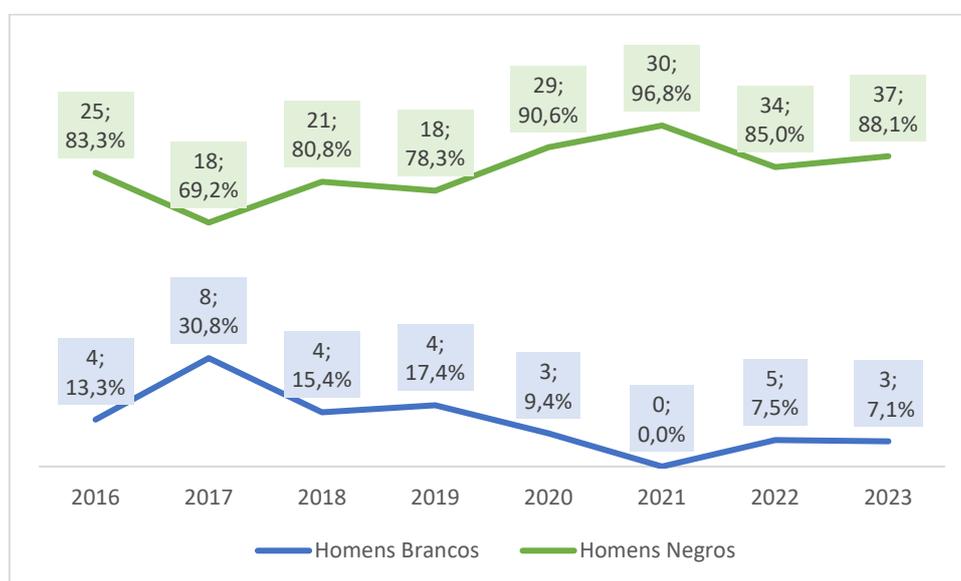
Para evidenciar o exponencial número de mortes de jovens por meio do homicídio, o professor e pesquisador mexicano Valenzuela (2016) cunhou o termo “juenicídio”, que segundo ele “representa um processo que implica uma condição persistente que custa a vida de dezenas de milhares de jovens do México [e] centenas de milhares na América Latina” (VALENZUELA, 2016, p. 231, apud CALAZANS et al, 2020, p. 88).

A violência que acomete as juventudes é muito mais recorrente em áreas onde há maior incidência do tráfico de drogas, que alicia precocemente os jovens a participarem da “economia ilegal do tráfico” a qual eles aderem em razão da escassez de possibilidades de outros modos de vida. Os motivos para a entrada dos jovens no tráfico de drogas podem ser explicados pela falta de um projeto de vida, baixa perspectiva para o futuro, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, os quais são

perpassados pelas dificuldades financeiras presentes nas áreas mais periféricas (CALAZANS et al, 2020, p. 89).

Nessas regiões mais periféricas, formadas a partir dos bolsões de pobreza produzidos durante a urbanização, é comum a incidência de confrontos violentos relacionados tanto ao combate às drogas, quanto a guerra entre facções, vitimando muitos jovens. O gráfico 30 aponta o número de jovens mortos em confronto com a polícia no Espírito Santo.

**Gráfico 30 – Morte em confronto com a Polícia, Jovens homens de 15 a 29 anos, Espírito Santo, por sexo e raça/cor, 2016-2023**



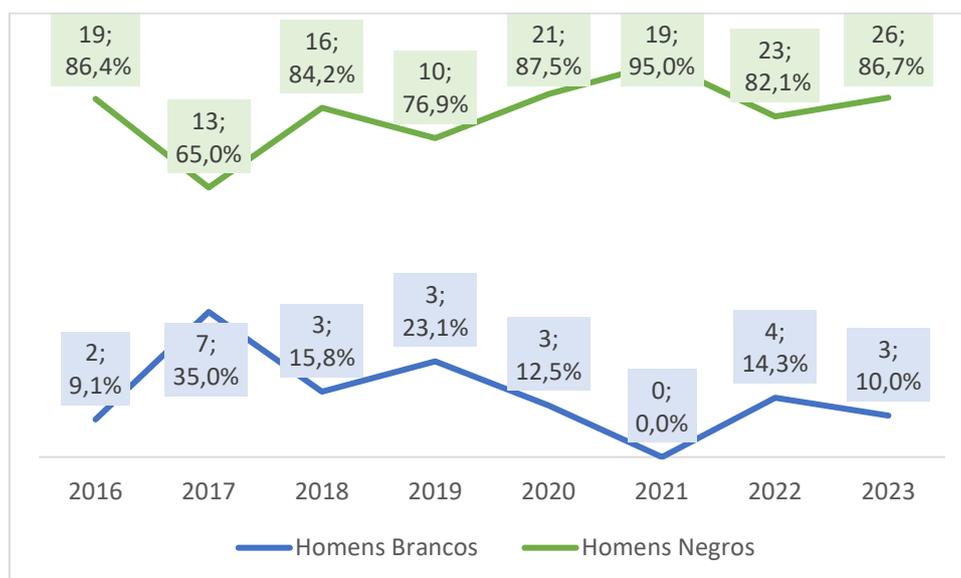
Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Entre os jovens homens de 15 a 29 anos mortos em confronto com a polícia, os negros são maioria em toda a série histórica, em comparação com os brancos.

Esses dados podem ser explicados a partir das considerações feitas anteriormente, sobre a composição do território no contexto urbano e a incidência do tráfico de drogas, e consequentemente acerca da política de combate a elas. Isso corrobora argumentos sobre a necessidade de repensar algumas políticas de segurança, sobretudo em territórios periféricos, e pensar em políticas públicas que mitiguem a entrada de jovens no tráfico, como por exemplo projetos que auxiliem a busca de oportunidades para que jovens vislumbrem um futuro de possibilidades através de

estudos e empregos de qualidade e que valorizem suas potências. O gráfico 31 mostra esse dado para a RMGV.

**Gráfico 31 – Morte em confronto com a Polícia, Jovens homens de 15 a 29 anos, RMGV, por sexo e raça/cor, 2016-2023**



Fonte: IJSN/Observatório da Segurança Cidadã. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Para Lira e Monteiro (2017, apud CALAZANS et al, 2020, p. 94) a distribuição espacial dos homicídios no território capixaba está diretamente relacionada às desigualdades socioeconômicas, segregações sócio espaciais e atividades do tráfico desencadeadas durante a trajetória de urbanização e industrialização, concentrada na RMGV.

## 6. Juventudes e a importância do fortalecimento de vínculos

A vivência entre grupos é importante para a constituição do sujeito enquanto ser social, e é dentro desses espaços de convivência que se forjam personalidades a partir da relação entre identidade e alteridade<sup>12</sup>. Nesses grupos, os sujeitos, sobretudo os jovens, experimentam oportunidades de construir relacionamentos amparados no

<sup>12</sup> Alteridade diz respeito à diferença, é a condição do que distinto, significa ser o outro. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, esse binômio se constitui no exercício de questionar o espaço do eu e o espaço do outro, pensar as identidades a partir das diferenças, reconhecendo-as. Ver mais em: BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

respeito e na confiança mútuos, permitindo a troca de experiências e expectativas de vida, além da possibilidade de criar vínculos para o enfrentamento de dificuldades e busca de suportes identitário (PENSO e SENA, 2020, p. 67). No entanto, na sociedade atual, as tecnologias são cada vez mais frequentes e assumem um duplo aspecto: ao mesmo tempo em que facilitam a comunicação, também afastam as pessoas, atrapalhando a vinculação, a troca de olhares e o aprendizado que as relações interpessoais são capazes de proporcionar (PENSO e SENA, 2020, p. 68). Além disso, a manutenção da sociedade de consumo impõe o sucesso profissional baseado no esgotamento individual, onde o *ter* se sobressai ao *ser*, e essa relação intensifica-se a partir das redes sociais, através das quais é possível forjar identidades diversas, causando ansiedade a partir do alto nível de comparação com estilos de vida e padrões estéticos muitas vezes inalcançáveis.

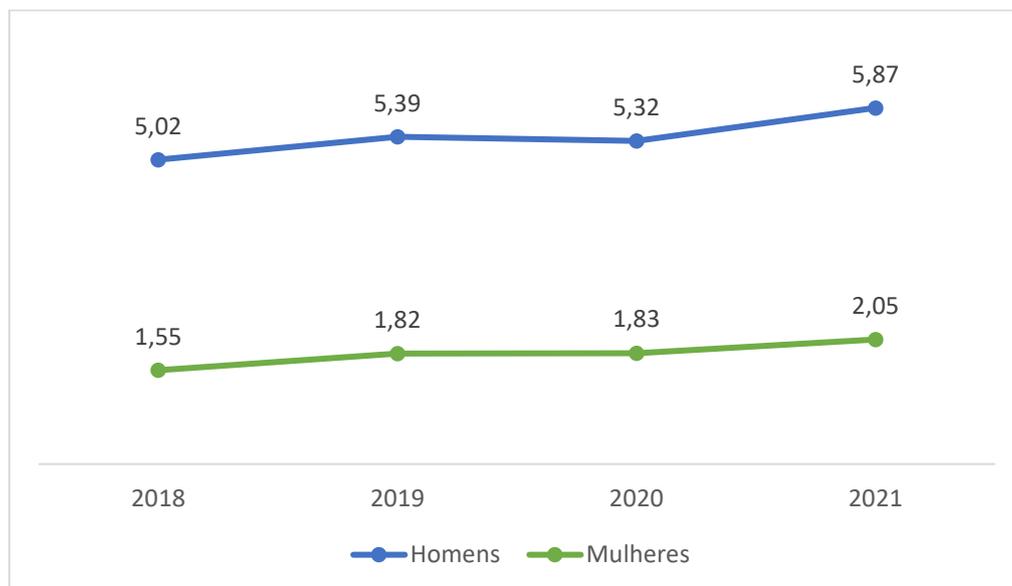
É nesse contexto que esta geração conectada se encontra e precisam lidar, além de todas as mudanças biológicas, psicológicas, relacionais e sociais pelas quais passam, com aqueles que se encontram na faixa etária dos 15 aos 29 anos. Nessa sociedade baseada no consumo, com relações sociais frágeis, os jovens encontram-se presos em processos desqualificadores e paralisantes, em elevadas exigências de performance e poucas expectativas para o futuro. Essa situação é intensificada quando se fala em jovens que vivem em contextos de pobreza e vulnerabilidades, os quais veem-se aprisionados em situações vinculadas à falta de oportunidades e carências. Somado a tudo o que foi descrito, as relações familiares fragilizadas, as incertezas pelas quais passam os jovens, a falta de oportunidades, além de fatores como desordens mentais, históricos familiares de suicídio e o *bullying*, assim como a depressão e ansiedade, fazem com que os jovens sintam emergir o desejo de não estar mais neste mundo. Segundo dados do *World Health Organization*, suicídio foi a quarta principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos, em ambos os sexos (World Health Organization, 2019, p. 7). Desse modo, esse contexto pode influenciar na incidência de suicídio entre os jovens. Os gráficos<sup>13</sup> 32, 33 e 34 apresentam as taxas de suicídio de jovens de 15 a 29 anos no

---

<sup>13</sup> Os gráficos utilizados para apresentar a série histórica desta categoria foram produzidos a partir da estimativa populacional disponível na base de dados do Datasus. Por este motivo, apresenta-se os dados de 2018 a 2021. No corpo do texto estão os dados relativos a 2022, a partir dos dados populacionais do Censo Demográfico.

Brasil por 100 mil habitantes<sup>14</sup>, Espírito Santo e RMGV dão uma dimensão do que foi abordado na discussão realizada neste tópico.

**Gráfico 32 – Suicídio de Jovens de 15 a 29 anos no Brasil por 100mil habitantes, por sexo**



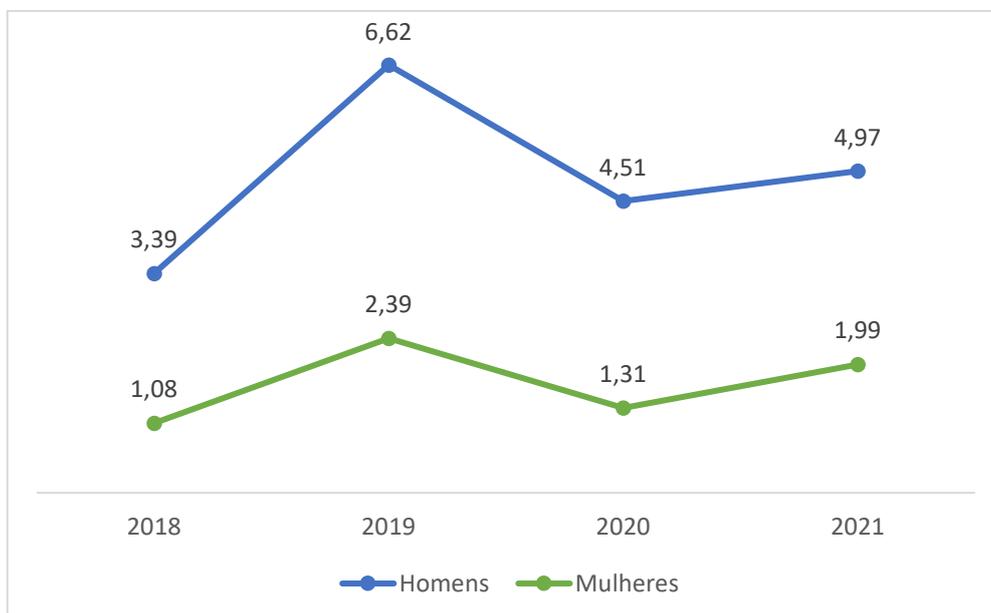
Fonte: MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Nota-se a partir do gráfico 33 que as taxas de suicídios entre os jovens no Brasil, tanto para homens quanto para mulheres, possuem uma tendência de crescimento entre os anos de 2018 a 2021. Além disso, os jovens homens figuram entre os maiores casos para esta categoria. Em 2022, houve um crescimento da taxa em ambos os casos, tanto para mulheres quanto para homens, que chegou a 2,23 e 7,04, respectivamente.

O gráfico 33 apresenta esses dados para o Espírito Santo.

<sup>14</sup> O cálculo realizado para se obter a taxa de suicídio entre a população foi a razão entre o número de ocorrências dividido pelo número da população de cada ano multiplicado por 100.000. Os dados populacionais de 2018 a 2021 foram obtidos a partir das estimativas preliminares elaboradas pelo IBGE e utilizadas pelo Ministério da Saúde. Os dados de 2022 são do Censo Demográfico.

**Gráfico 33 – Suicídio de Jovens de 15 a 29 anos no Espírito Santo por 100mil habitantes, por sexo**

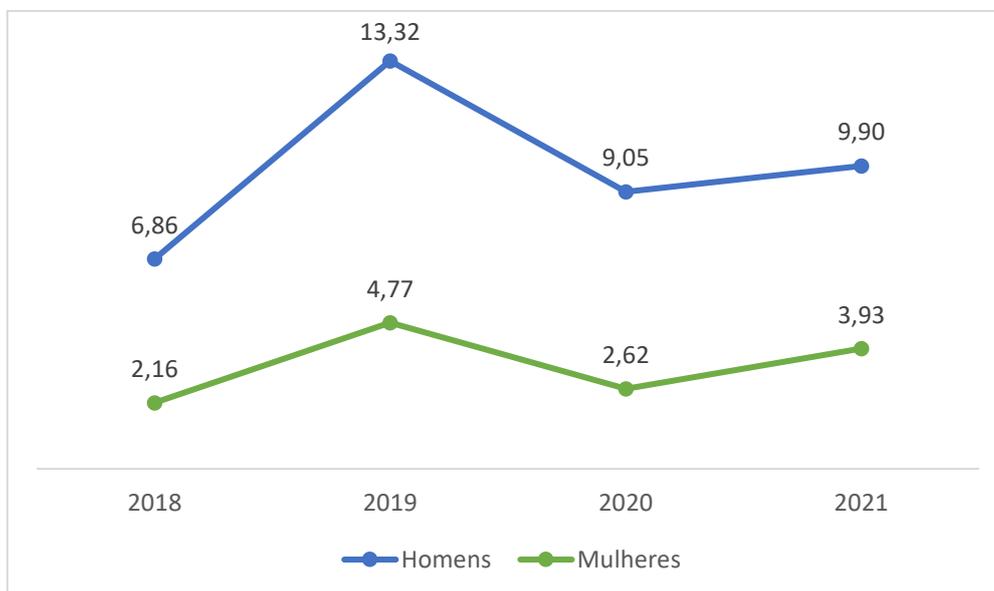


Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

No caso do Espírito Santo, houve um crescimento da taxa de suicídio entre os jovens do ano de 2018 para 2019, após este ano ocorre uma queda, mas volta novamente a subir de 2020 para 2021. Essa tendência de crescimento se mantém no caso dos homens, que em 2022 apresentaram uma taxa de 5,18 para 100mil habitantes, enquanto as mulheres houve redução na taxa de 1,99 em 2021 para 1,49 em 2022. Na comparação entre os sexos, os homens figuram com as maiores taxas de suicídio no Espírito Santo, para todos os anos (2018-2022).

O gráfico 34 apresenta as taxas em relação à RMGV.

**Gráfico 34 – Suicídio de Jovens de 15 a 29 anos na RMGV, por 100mil habitantes, por sexo**



Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Na RMGV, houve um significativo crescimento da taxa de suicídio entre os jovens nos anos de 2018 a 2019, no caso dos homens. Esse crescimento também acontece no caso das mulheres, as quais apresentavam uma taxa de 2,16 por 100mil habitantes em 2018, que passa para 4,77 em 2019. Em 2020 ambos os casos apresentam queda, mas voltam a subir em 2021, e esse padrão se mantém, no caso dos homens, em 2022, que passam da taxa de 9,90 em 2021 para 10,50 em 2022. No caso das mulheres, essa taxa diminui, de 3,93 em 2021 para 3,0 em 2022.

Esses dados mostram a urgência de abordar a temática da saúde mental nos espaços frequentados pelos jovens, sobretudo nas escolas, levando em consideração a situação peculiar de desenvolvimento em que se encontram os jovens-adolescentes. Segundo Wallon (1941), os adolescentes passam por um estágio sensível, em que o afetivo se sobrepõe às estruturas cognitivas. É uma etapa de formulação do *eu*, de projeção do futuro, marcada por muita apreensão e ansiedades. Na era da tecnologia e da comunicação, essas questões se intensificam, aumentando a auto cobrança e inseguranças acerca do futuro. Portanto, é necessário pensar em formas de acolhimento destes jovens, bem como no fortalecimento de políticas públicas já existentes, como,

por exemplo, o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil-CAPSi ou os Centros de Referência das Juventude - CRJs, para que eles possam acessar tais serviços e, para além deles, criar redes de apoio para passar pelos questionamentos que os permeiam. Além disso, dado as elevadas taxas figurarem entre os homens, convém também falar sobre o padrão de masculinidade construído histórico-socialmente, de modo que eles possam reconhecer suas fragilidades.

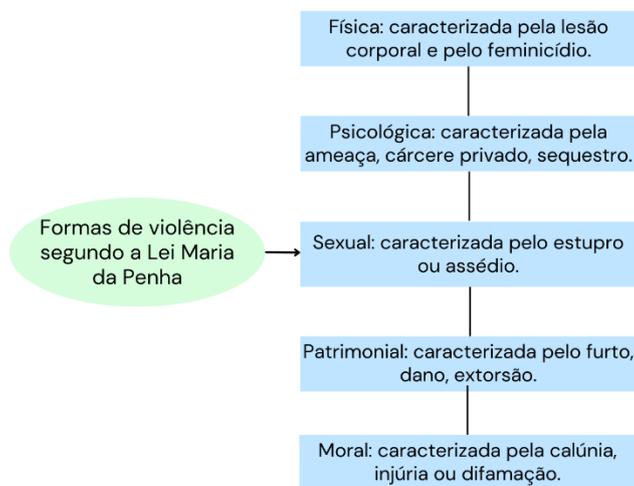
## **7. As juventudes femininas e o homicídio de mulheres**

A violência contra mulher é multifatorial e manifesta-se de diferentes formas na sociedade. Historicamente, as mulheres foram excluídas de espaços públicos e reservou-se a elas o casamento e o trabalho doméstico, com exceções das mulheres pobres, que além disso, precisavam trabalhar fora de casa para contribuir com a renda familiar (MARY DEL PRIORE, 2008). Ao passo que os movimentos das mulheres conquistaram direitos e elas puderam participar mais ativamente dos espaços públicos, alcançando importantes cargos no mercado de trabalho, alguns traços da violência histórica sofrida por elas não se apagaram.

O homicídio de mulheres é uma categoria mais ampla de homicídio, é pura e simplesmente o ato de tirar a vida de uma mulher. O Femicídio se diferencia do homicídio de mulher porque é uma qualificadora para o crime principal. É o ato de matar uma mulher pela razão da vítima ser do sexo feminino, ou se essa violência acontece em âmbito doméstico ou familiar. É uma violência baseada no gênero e tem como motivação a opressão à mulher.

São várias as formas violentas com os quais as mulheres são tratadas, e a maior parte delas origina-se no ambiente familiar, através de seus maridos, pais, filhos e irmãos. Esse tipo de violência de gênero caracteriza-se por ser exercida pelos homens contra mulheres, em que o gênero do agressor e o da vítima estão intimamente unidos. Afeta mulheres pelo simples fato de serem deste sexo, isto é, é a violência perpetrada pelos homens mantendo o controle e o domínio sobre as mulheres (CASIQUE e FUREGATO, 2006).

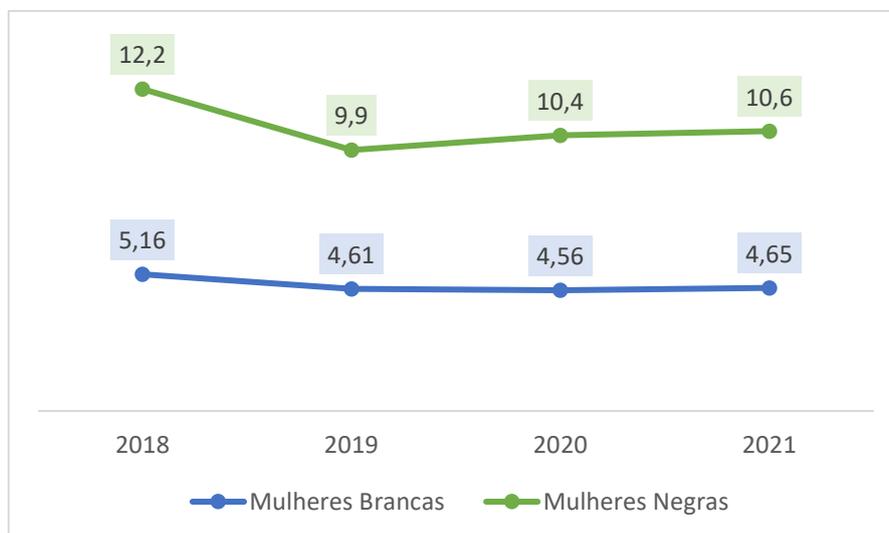
**Figura 2 – Tipos de violência contra a mulher segundo a Lei Maria da Penha**



O ápice da violência resulta no homicídio de mulheres, que pode ocorrer por diversas formas. Os gráficos<sup>15</sup>35, 36 e 37 apresentam as taxas por 100mil habitantes para o homicídio de mulheres de 15 a 29 anos no Brasil, Espírito Santo e RMGV, com recorte por raça/cor.

<sup>15</sup> Os gráficos utilizados para apresentar a série histórica desta categoria foram produzidos a partir da estimativa populacional disponível na base de dados do Datasus. Por este motivo, apresenta-se os dados de 2018 a 2021. No corpo do texto estão os dados relativos a 2022, a partir dos dados populacionais do Censo Demográfico.

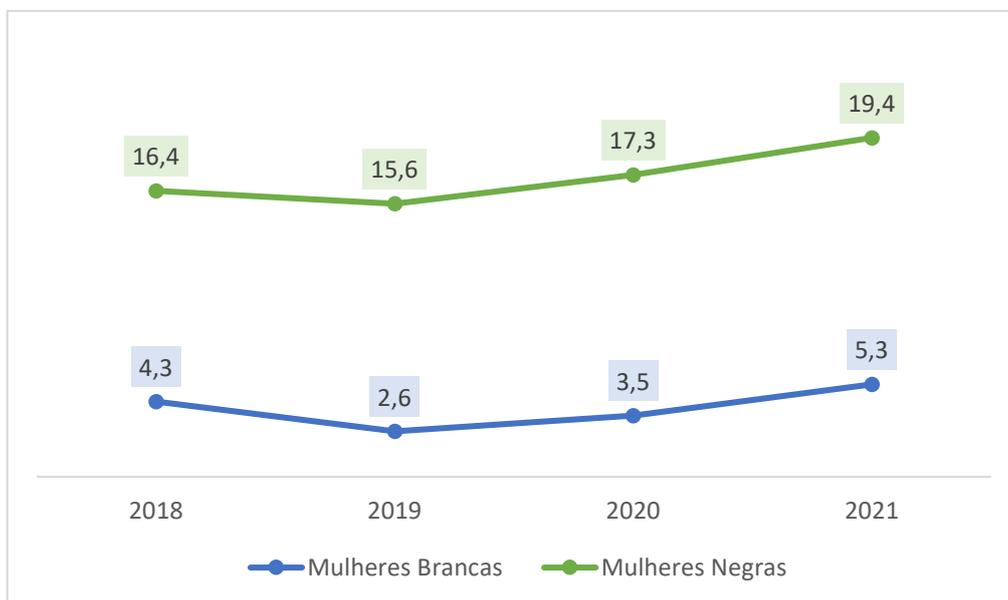
**Gráfico 35 – Taxa de homicídio de mulheres de 15 a 29 anos, por 100mil habitantes, Brasil, por raça/cor**



Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Assim como mostra o gráfico 36, o homicídio de mulheres jovens no Brasil apresenta uma tendência de crescimento, apesar de ter tido uma queda na taxa de 2018 a 2019. Em todos os anos, as mulheres negras figuram entre as maiores vítimas desta violência. Em 2022, a taxa de homicídios de mulheres negras era de 11,2 por 100mil habitantes, para 5,18 no caso das mulheres brancas. O gráfico 36 apresenta esses dados para o Espírito Santo.

**Gráfico 36 – Taxa de homicídio de mulheres de 15 a 29 anos, por 100mil habitantes, Espírito Santo, por cor/raça**

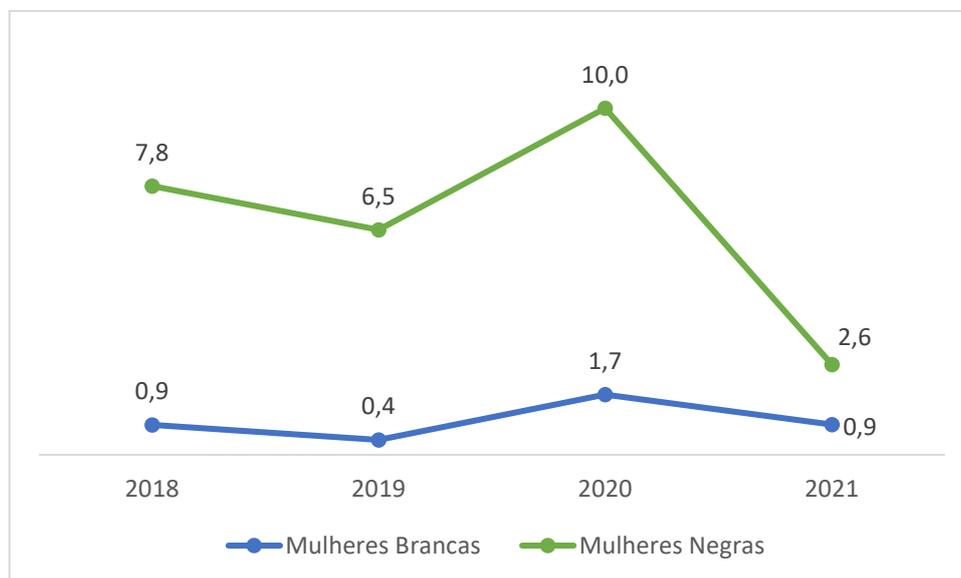


Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Em relação ao Espírito Santo, também as mulheres negras são maioria dentre os homicídios de mulheres jovens. Com exceção da taxa para mulheres brancas de 2019, que passou por uma significativa queda, os anos seguintes apresentam uma tendência crescente das taxas, em ambos os casos. Em 2022, a taxa de mulheres negras assassinadas era de 17,9 por 100mil habitantes, enquanto para as mulheres brancas essa taxa era de 5,7.

O gráfico 37 apresenta as taxas para a RMGV.

**Gráfico 37 – Taxa de homicídio de mulheres de 15 a 29 anos, por 100mil habitantes, Região Metropolitana da Grande Vitória, por cor/raça**



Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/Datasus. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais.

Na RMGV, em 2019 houve uma redução da taxa para mulheres negras e brancas, seguida de um crescimento de 2019 para 2020. Entretanto, é possível perceber uma grande queda da taxa de homicídio de mulheres negras de 2020 para 2021, em que a taxa deixa de ser de 10 homicídios para cada 100mil habitantes, para 2,6. Apesar disso, elas ainda figuram entre as principais vítimas para esta categoria, se comparadas com as mulheres brancas.

Os dados de homicídio contra mulheres jovens apontam a importância de buscar formas de diminuir essa violência que historicamente vitimizam mulheres. A mudança de paradigma na sociedade industrial, a partir de muitas lutas feministas, em que elas conquistaram o direito de ocuparem espaços até anteriormente reservados aos homens, ainda não é suficiente se muitas delas não podem usufruir do direito à vida. É urgente pensar em políticas de amparo às vítimas de todos os tipos de violência,

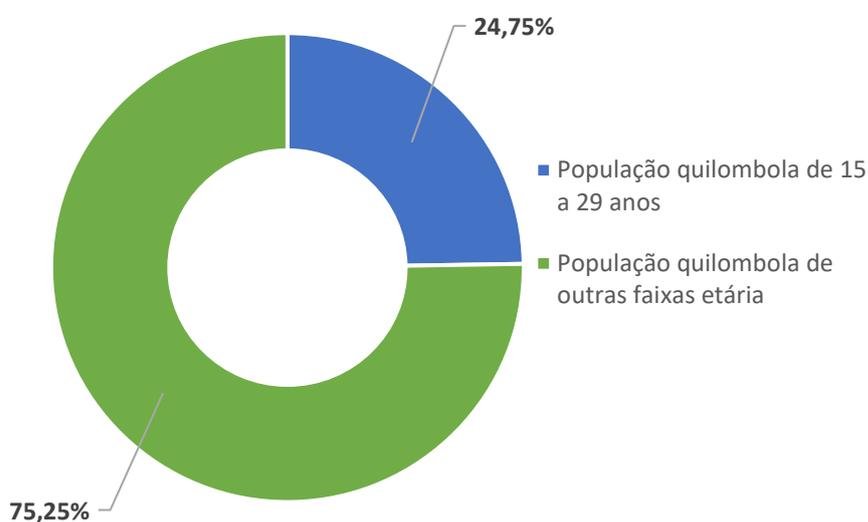
trabalhar de forma educativa a conscientização juntamente do amplo acesso aos aparatos legais<sup>16</sup> que possam amparar essas mulheres vítimas de violências.

## 8. As Juventudes Quilombolas e Indígenas

Como dito anteriormente, as juventudes se constituem enquanto plurais, e dada as suas especificidades, optou-se por trazer em separado as juventudes indígenas e quilombolas, de modo a compreender sua representatividade dentro do Brasil e do Espírito Santo.

A população quilombola no Brasil representa um percentual de 0,66% (1.330.186) em relação à população total do país (203.080.756). No Espírito Santo, esse dado corresponde a 0,41% (15.659) de quilombolas em relação ao total populacional do estado (3.833.712). Do total de quilombolas de cada território, serão apresentados os percentuais de jovens de 15 a 29 anos. Os gráficos 38 e 39 mostram essa distribuição.

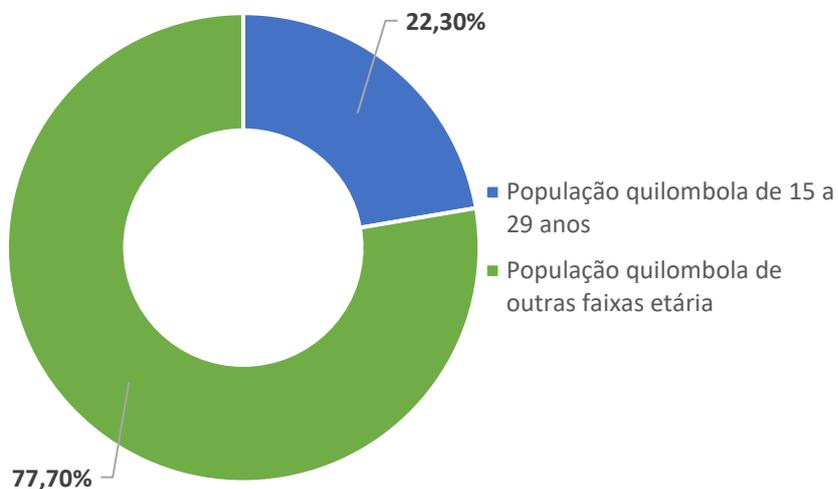
**Gráfico 38 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos dentre a população quilombola, Brasil, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

<sup>16</sup> A exemplo a Lei Maria da Penha, de nº 11.340, de 2006, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

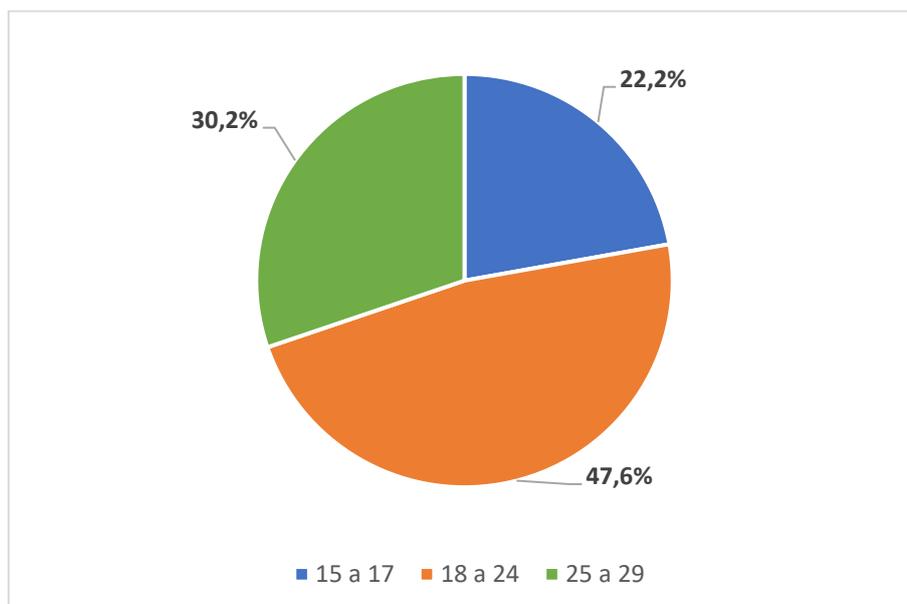
**Gráfico 39 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos dentre a população quilombola, Espírito Santo, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

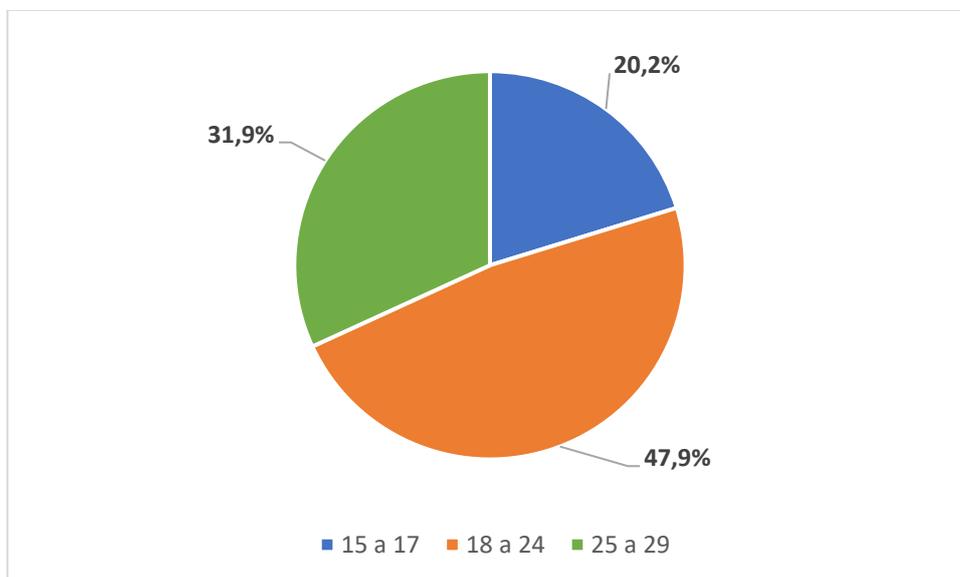
Diante das particularidades de cada faixa etária, os gráficos 40 e 41 apresentam, dentre o total de jovens quilombolas, o recorte por cada segmento etário para o Brasil e Espírito Santo.

**Gráfico 40 – Percentual de jovens quilombolas de 15 a 29 anos, com recorte de faixa etária, Brasil, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

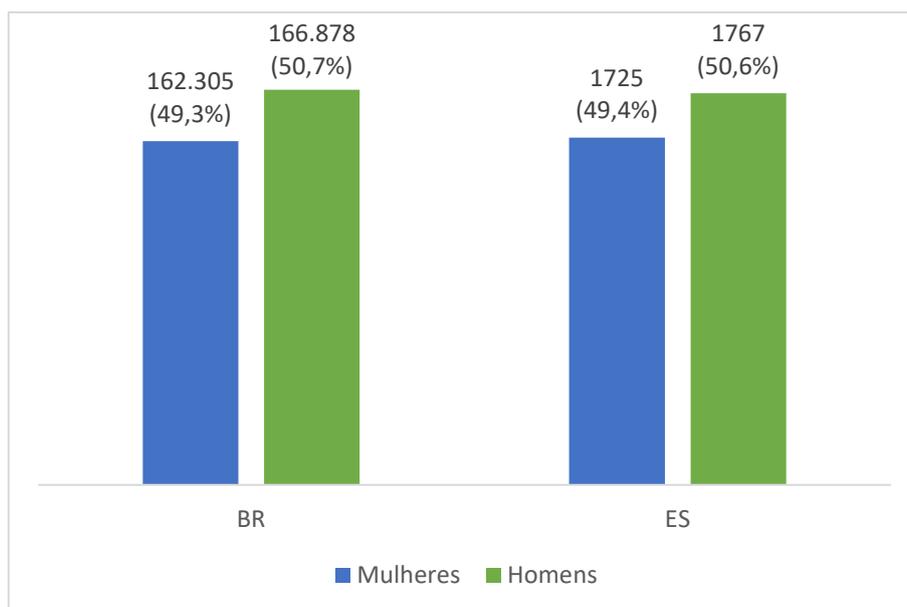
**Gráfico 41 – Percentual de jovens quilombolas de 15 a 29 anos, com recorte de faixa etária, Espírito Santo, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Analisando a partir do recorte sexual, do total de jovens quilombolas de 15 a 29 anos, os homens representam 50,7% no Brasil e 50,6% no Espírito Santo. O gráfico 42 mostra essa distribuição.

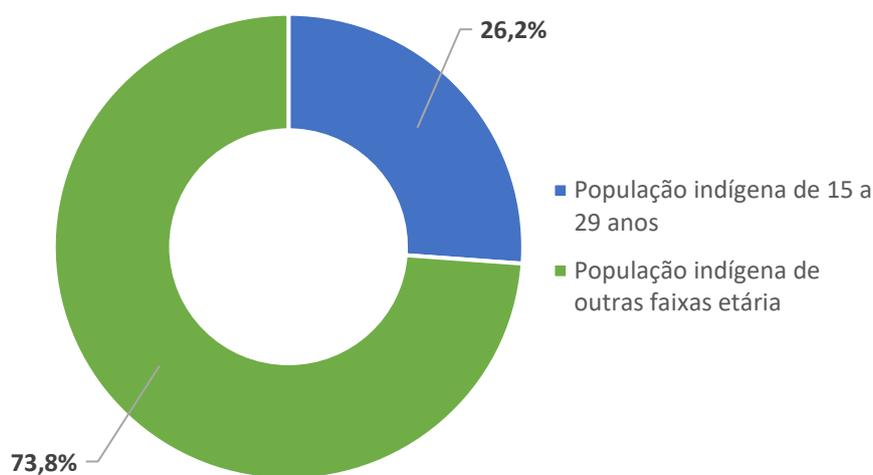
**Gráfico 42 – Percentual de homens e mulheres dentre o total de jovens quilombolas de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

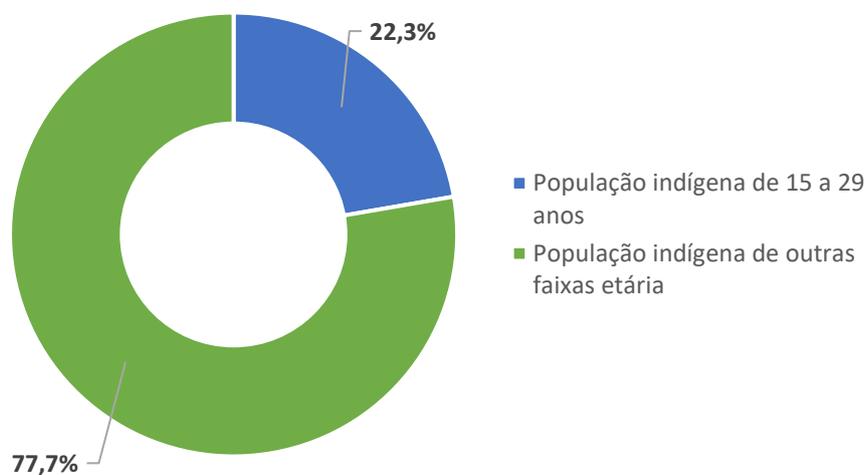
Sobre a população indígena, no Brasil eles representam 0,83% (1.694.836) do total da população, enquanto no Espírito Santo 0,38% (14.410). Desse total de indígenas de cada território, a juventude (15 a 29 anos) representa mais de 20%, como mostram os gráficos 43 e 44.

**Gráfico 43 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos dentre a população indígena, Brasil, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

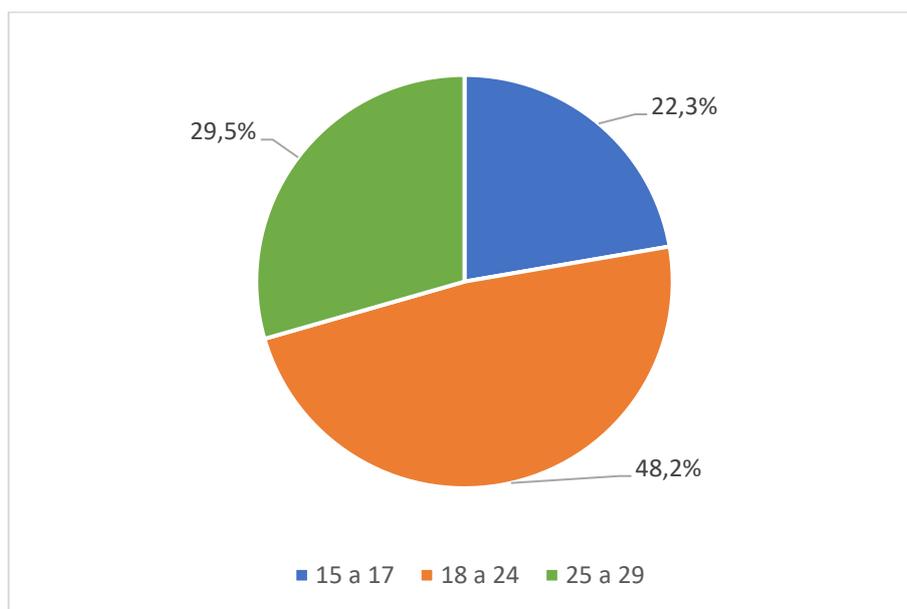
**Gráfico 44 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos dentre a população indígena, Espírito Santo, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

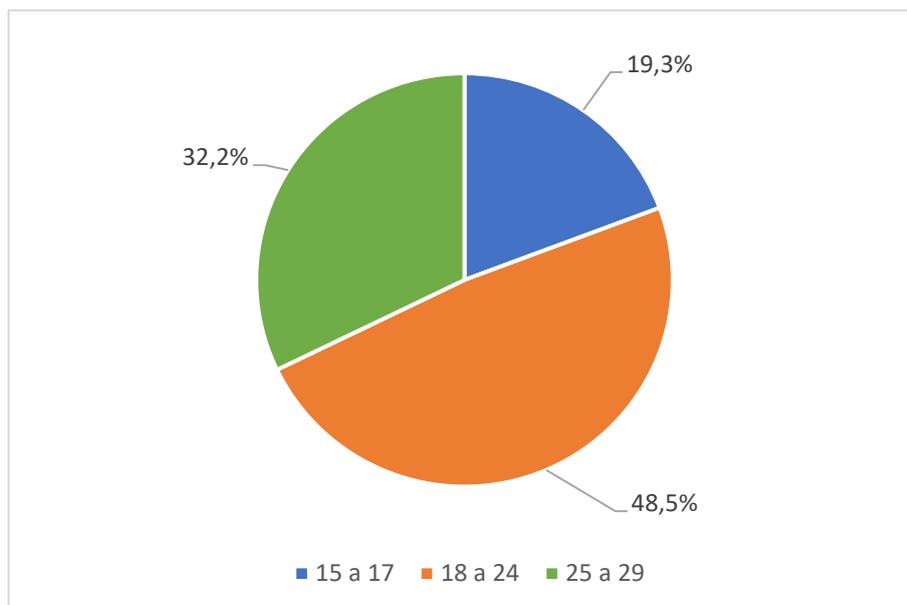
Do total de jovens indígenas, importa mostrar como estão distribuídas as diversas faixas etárias que compõe a juventude. Os gráficos 45 e 46 apresenta esses dados para o Brasil e Espírito Santo.

**Gráfico 45 – Percentual de jovens indígenas de 15 a 29 anos, com recorte de faixa etária, Brasil, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

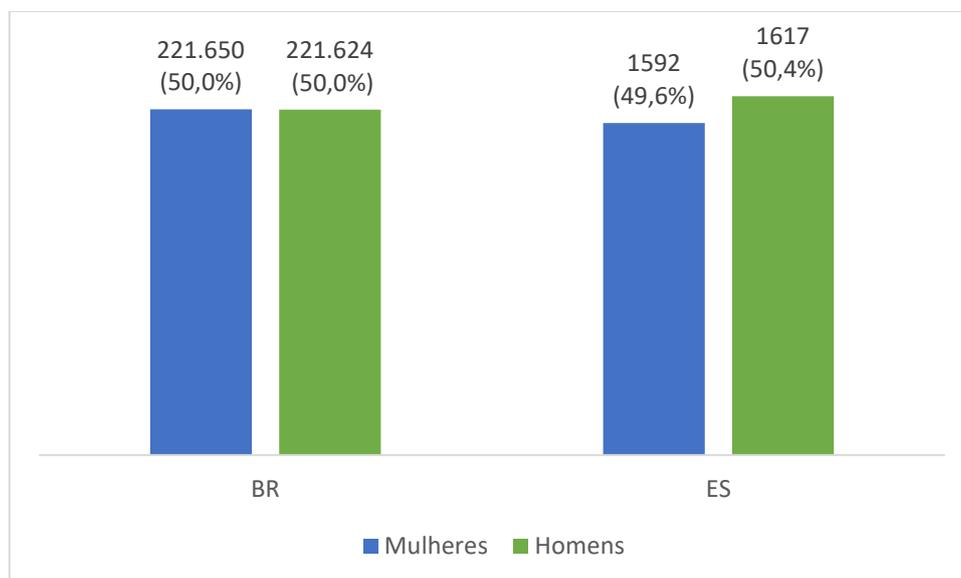
**Gráfico 46 – Percentual de jovens indígenas de 15 a 29 anos, com recorte de faixa etária, Espírito Santo, 2022**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

Ao realizar um recorte de sexo para compreender como estão distribuídos homens e mulheres dentre os jovens indígenas, percebe-se que no Brasil existe uma distribuição semelhante entre ambos, mas no Espírito Santo os homens são maioria, representando 50,4% do total de jovens indígenas. O gráfico 47 mostra esse dado.

**Gráfico 47 – Percentual de homens e mulheres dentre o total de jovens indígenas de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo**



Fonte: Censo Demográfico 2022. Elaboração: Coordenação de Estudos Sociais – CES.

## 9. Considerações

Os dados apresentados mostram que ainda existem muitos desafios que precisam ser enfrentados para a construção de políticas públicas que possam atender às demandas das juventudes. Um deles é a compreensão das múltiplas juventudes presentes no território brasileiro e capixaba, as quais este texto tentou contemplar, entretanto, ainda há outros tipos de juventudes que por insuficiência de dados não puderam ser contempladas aqui, como por exemplo as juventudes LGBTQIA+, jovens neurodivergentes, jovens que estejam cumprindo medidas socioeducativas, entre outros. Esse cenário mostra quão diversa são as juventudes.

É importante destacar que o grupo que compõem os jovens-jovens, nesta fase, estão no processo de iniciação de um curso superior ou técnico profissionalizante, para que ao entrarem na fase jovem-adulto, possam se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, essa não é a realidade de todos os jovens, uma vez que aqueles mais pobres, que precisam muitas vezes complementar a renda familiar, são inseridos muito cedo no mercado de trabalho, seja como menor aprendiz ou estagiário no período de 15 a 17 anos, ou em um emprego formal, a partir dos 18 anos, sem falar no quantitativo de jovens que estão inseridos em um trabalho informal. Isso dificulta a inserção desses jovens em cursos de nível superior ou profissionalizantes, obrigando-os a buscarem trabalhos muitas vezes desvalorizados.

Os resultados apontados ressaltam a necessidade de mudanças. Na pobreza e extrema pobreza, os jovens-adolescentes (15-17) são a maioria nas três regiões, ao realizar um recorte racial, percebe-se que os jovens negros de 15 a 29 anos representam a maior quantidade de pobres e extremamente pobres. No caso do recorte de raça e sexo, as mulheres negras de 15 a 29 anos no Espírito Santo estão entre os mais pobres.

Sobre os dados de educação, foi possível perceber que os maiores percentuais pertencem aos jovens-adolescentes, que se encontram no Ensino Médio, etapa obrigatória da educação. A relação entre idade e percentual de frequência escolar é inversamente proporcional, isto é, à medida que a idade vai aumentando, este percentual vai diminuindo. Isso significa que a passagem da educação básica para um nível superior ou técnico profissionalizante não é uma realidade para todos. Além disso, os dados de jovens que nem estudam e nem trabalham mostram que os jovens negros de 15 a 17 e 18 a 29 são maioria, cenário que muda em 2023, em que os jovens brancos passam a figurar com um maior percentual. Jovens negros de 15-17 e 18-29 são também maioria entre os que trabalham e estudam no Espírito Santo.

Em relação aos dados de violência, entre os homens vítimas de homicídio doloso, os negros são maioria na série histórica de 2016-2023, nas três regiões. Entre as mulheres vitimadas nesta categoria, as negras representam os maiores percentuais. Além disso, na categoria homicídio de mulheres, as negras também figuram entre a maioria para as três regiões. Além dos indicadores de violência, os dados de suicídio

entre jovens de 15 a 29 anos mostram que entre esses casos, os homens possuem os maiores percentuais.

Ter ciência desses dados importa para o planejamento de políticas públicas pensadas a partir dos projetos de vida desses jovens, buscando compreender suas demandas e viabilizar formas de as juventudes projetarem e alcançarem presentes e futuros com dignidade, além de levar em consideração cada etapa peculiar de desenvolvimento destes grupos.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. 1ª Ed, São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2019.

BRASIL, Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude.

BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. 2024. Plano da Juventude Negra Viva.

CALAZANS, Raysa Gloria dos Santos Raymundo; TRUGILHO, Silvia Moreira; SOGAME, Luciana Carrupt Machado. Violência e juventudes: reflexões sobre homicídios de jovens no Espírito Santo. *Argumentum*, Vitória, v. 12, n. 1, p. 82-101, jan. /abr. 2020.

CASIQUE, Leticia Casique; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Revista Latino-Americana*, 2006.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação: Universidade Federal de Minas Gerais*, nº 4, 2003.

DIÓGENES, Glória. Juventude, exclusão e a construção de políticas públicas: estratégias e táticas. In: MENDONÇA FILHO, M., and NOBRE, MT., orgs. *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa* [online]. Salvador: EDUFBA; São Cristóvão: EDUFES, 2009. 368 p.

FREITAS, Felipe. PELO DIREITO À VIDA SEGURA: um estudo sobre a mobilização negra pela aprovação do Estatuto da Juventude no Congresso Nacional. *Revista Direito e Praxis*, Rio de Janeiro, v.10, n.02, 2019, p.1.335-1.355.

PENSO, Maria Aparecida; SENA, Denise Pereira Alves. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 35, Número 1, Janeiro/Abril, 2020.

PRIORE, Mary Del. A mulher na história do Brasil. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

SILVA, Roselani. SILVA, Vini. POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE: trajetória e desafios. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa, Edições 70, 1941.